

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

**RUY ANDERSON SANTOS MARTINS**

**SOMOS QUASE FELIZES: MOVIMENTOS DO DESEJO EM TEMPOS DE  
ANSIOLÍTICOS**

**VITÓRIA-ES  
2013**

**RUY ANDERSON SANTOS MARTINS**

**SOMOS QUASE FELIZES: MOVIMENTOS DO DESEJO EM TEMPOS DE ANSIOLÍTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leila A. Domingues Machado.**

**VITÓRIA-ES  
2013**

**RUY ANDERSON SANTOS MARTINS**

**SOMOS QUASE FELIZES: MOVIMENTOS DO DESEJO  
EM TEMPOS DE ANSIOLÍTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade e Clínica.

Aprovada em 12 de abril de 2013.

**COMISSÃO EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO**

---

**Professora Doutora Leila Aparecida Domingues Machado**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
ORIENTADORA

---

**Professora Doutora Maria Cristina Campello Lavrador**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

---

**Professor Doutor Luciano Bedin Da Costa**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

# FICHA CATALOGRÁFICA

*Aos meus pais e irmãos, pelo amor incondicional. E aos meus amigos, Arion, por ter sido ilha em mar aberto, e Priscila, por ter sido oásis no deserto.*

*Não há nada a lamentar sobre a morte, assim como não há nada a lamentar sobre o crescimento de uma flor. O que é terrível não é a morte, mas as vidas que as pessoas levam ou não levam até a sua morte. Não reverenciam suas próprias vidas, mijam em suas vidas. As pessoas as cagam. Idiotas fodidos. Concentram-se demais em foder, cinema, dinheiro, família, foder. Suas mentes estão cheias de algodão. Engolem Deus sem pensar, engolem o país sem pensar. Esquecem logo como pensar, deixam que os outros pensem por elas. Seus cérebros estão entupidos de algodão. São feios, falam feio, caminham feio. Toque para elas a maior música de todos os tempos e elas não conseguem ouvi-la. A maioria das mortes das pessoas é uma empulhação. Não sobra nada para morrer.*

*Charles Bukowski.*

## AGRADECIMENTOS

À querida Leila, por me mostrar um novo ritmo e um tempo mais generoso. Aos Professores do PPGPSI que, de diferentes modos, contribuíram com este trabalho. Aos membros da banca, Maria Cristina Lavrador, pelo cuidado e delicadeza da leitura, e por trazer um novo tom para esta pesquisa. Ao Professor Luciano Bedin da Costa, por aceitar gentilmente o convite, pelas belas contribuições e por oxigenar este corpo após uma longa caminhada!

Aos colegas de orientação, Dauri, Carol, Carlos, Laura, Rubiane, Sérgio, João e Théo, por compartilhar deste momento. E aos colegas do grupo de pesquisa do Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS), sou grato pelos bons encontros.

Aos meus pais, Valdemir e Hilda, pelo colo quente, pelas mãos suaves e pela voz que atenua as dores do viver. Aos meus irmãos, Cida, Meire, Simone, Nilton e Luis Carlos, por estenderem as mãos e os ouvidos, sempre acolhedores, por me fazerem sentir “em casa”, sempre. Aos meus sobrinhos, Thiago e Geovana, por me inspirarem a cada dia. Pela alegria que inunda a vida, a cada sorriso dengoso.

Aos amigos de jornada, imprescindíveis para viver: Victor Johne (*Chéri*), companheiro atento, pela proximidade e amizade que quero eterna. À Juliano, por me ensinar a andar e falar mais lentamente, pelo carinho da amizade. A Priscila (*Honey*), com quem aprendo constantemente a ser melhor, é essencial para minha saúde. À Polyanna, por estar perto há 7 anos, pela delicadeza e carinho que me inspira sempre. A Tadeu e Tiane, pelas boas conversas, pelas acolhidas, pelo carinho. A Paulo Ferri, pela conectividade de desejo, gerador de uma boa amizade.

Aos amigos que se tornaram uma família: Wagner, pelo colo, pelo cuidado, por me ensinar milhões de coisas, as quais levarei comigo para sempre. Maria,

Elaine, Alex e Sofia, pela proximidade constante. Obrigado por transformar em Lar os últimos três anos no Espírito Santo.

A Vitor Miranda, amigo de longos anos, ponte firme entre Vitória e São Paulo. Por ter dividido comigo meus maiores sonhos, por entender como ninguém que sem Shakira a vida é sem cor. A Jéssika, minha prima querida, pelas horas de conversa, pelo cuidado, pelo amor. A Patrícia, pela força e fé que me movimentou, amizade para além da vida. A Lia, por compartilhar a vida, por tornar os dias mais gostosos, pelas boas risadas. Seabra é bem melhor ao seu lado.

A Arion (*Dear*), pelas incansáveis leituras deste texto. Pela incansável escuta de cada pequena mudança. Por vibrar e sorrir a cada nova página. Pela companhia, pelo samba, pela cerveja. A querida Luciana, pelo cuidado, pelo bom humor, pelo frango com pequi, revitalizante.

A Diego, pela disponibilidade e carinho com que tratou meu texto. Aos novos amigos, Vivian, Ana Paula, Fernanda, Mariana e Maria José. Cada encontro com vocês foi maravilhoso e vital.

Aos professores: Roberta Scaramussa, Eduardo Henrique Torre, Kleber Oliveira e Meire Andersan. Por produzirem o desejo da docência em mim, professores apaixonados. E Valéria Fiorot, querida psicóloga, por me mostrar o caminho ético da vida. Suas palavras ressoam em mim continuamente.

À Soninha, pelo sorriso aberto, pela disponibilidade.

Aos colegas do CAPS II de Linhares-ES, ao time “Loucos por Futebol”, pelos compartilhamentos e às mulheres, que sem medo, falaram de suas vidas, de suas histórias e contribuíram para este trabalho.

A CAPES, por possibilitar um pesquisar tranquilo.



## RESUMO

O presente trabalho versa sobre modos de vida no contemporâneo referente às práticas em torno de medicamentos ansiolíticos. Propomos um modo de pesquisa que não visa a descoberta de verdades, mas a escuta e a escrita das sensibilidades em processo na atualidade. Apropriamo-nos do cinema e da entrevista, intercessores deste trabalho, para dar vazão às vozes que se proferem em torno dessa temática. Os filmes: A pele que habito, Medianeras e O palhaço, somado a duas entrevistas com usuários de ansiolíticos, compõe o corpo desta pesquisa. As análises e a escuta deste campo nos levaram a uma discussão paradoxal entre modos de vida os quais, ao mesmo tempo em que nos lança em ritmos cada vez mais velozes e adoecedores - resultado das forças capitalísticas, tecnológica e midiática – também produzem desejo de anestesiamento do corpo, para suportar a saturação a qual nos encontramos. Corpos que não têm agüentado mais os novos ritmos de vida e, por isso, pedem uma nova ética, uma política de recusa aos ritmos estafantes. Uma discussão com base nos autores Deleuze, Guattari, Nietzsche, Spinoza e Foucault.

**Palavras-Chave:** Subjetividade; clínica; ética; cinema.

## RÉSUMÉ

### **Nous sommes presque heureux: les mouvements du désir lors de la prise d'anxiolytiques.**

Ce document porte sur les modes de vie dans des pratiques contemporaines en ce qui concerne l'usage des anxiolytiques. Nous proposons une approche de recherche qui ne cherche pas à découvrir des vérités, mais l'écoute et l'écriture des sensibilités plus actuelles. J'ai choisi le cinéma et l'entretien, intercesseurs de ce travail, afin de montrer des idées nouvelles qui s'expriment sur ce thème. Les films *La peau qui m'habite* (*A pele que habito*), *Medianeras* et *Le clown* (*O palhaço*), ainsi que deux interviews avec des utilisateurs d'anxiolytiques, forment le corps de cette recherche. Des analyses et l'écoute dans ce domaine, nous ont conduit à une discussion entre les moyens paradoxaux de la vie qui nous plongent dans un rythme de plus en plus rapide et qui peuvent provoquer des maladies - résultat des forces capitalistes, de la technologie et des médias – et produisent également le désir de sensations anesthésiantes du corps afin de résister à la saturation où nous y sommes. Ceux qui ne supportent plus les styles urbains de la vie et ont envie d'une nouvelle éthique face à celle là; une politique de refus de nouveaux rythmes. Une discussion basée sur Deleuze et Guattari, et les auteurs Nietzsche, Spinoza et Foucault.

**Mots – clés:** Subjectivité; clinique; éthique; cinéma.

# SUMÁRIO

PRÓLOGO .....	11
PROTO-INTRODUÇÃO: INÍCIO DE UMA CONVERSA .....	12
INTRODUÇÃO.....	14

## PEÇA I

1. IMPERMEABILIDADE DA PELE: 'EU RESPIRO, EU SEI QUE RESPIRO'.....	17
--	----

## PEÇA II

2. BIOPODER E MEDICALIZAÇÃO SOCIAL.....	25
2.1 BENZODIAZEPÍNICOS E CONTEMPORANEIDADE.....	30
2.2 UMA NOTA SOBRE ÉTICA E USO DE ANSIOLÍTICOS.....	36
2.3 SAÚDE E AS DIFERENTES NORMAS DE VIDA .....	38
2.4 BENÇÃODIAZEPÍNICOS: O NOVO PÃO NOSSO DE CADA DIA.....	40

## PEÇA III

3. ÉTICA DA EXISTÊNCIA E A ILEGALIDADE DAS ROTAS DE FUGA .....	44
3.1. TEMPOS CONTEMPORÂNEOS: MODOS URBANOS DE VIVER .....	50

## PEÇA IV

4. SOMOS QUASE FELIZES: "É QUANDO A FELICIDADE?".....	55
4.1 UM PALHAÇO QUE ORA RI, ORA CHORA! .....	61

## PEÇA V

5. A DIMENSÃO CINEMATOGRAFICA DA ENTREVISTA .....	67
---	----

<b>5.1. CENAS DA VIDA: COMO OPERAR NOVAS CONEXÕES .....</b>	<b>71</b>
<b>5.2 CENA I: RITMOS: UMA VIDA EM CORDA BAMBA .....</b>	<b>73</b>
<b>5.3 CENA II: SOBRE ANJOS E MENINAS .....</b>	<b>79</b>
<b>*SEM MAIS PALAVRAS .....</b>	<b>85</b>
<b>6. “EU PREFERIRIA NÃO”: RECUSAS, FILTROS E FRAGMENTOS DE UMA CONVERSA QUE NÃO TERMINA AQUI .....</b>	<b>86</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>

## PRÓLOGO

*Querido leitor,*

*O presente trabalho é composto de algumas peças. São cinco peças que poderão ser lidas em ordens distintas, à sua escolha. O conjunto de suas partes configura imagens e sons ressoantes da vida no contemporâneo. Não sabemos como as peças serão montadas, e por isso, múltiplos arranjos audiovisuais poderão surgir, a depender da composição realizada pelo leitor.*

*Cada peça tem sua própria imagem e sonoridade. Mas todas elas possuem aberturas e espaços para encaixarem entre si de inúmeros modos, em uma constante improvisação. Não havendo uma continuidade obrigatória, a configuração atual das peças deste trabalho é ocasional. Suas partes poderiam entrar em diferentes lugares. São peças compostas numa relação de proximidade. Não excluem umas as outras, mas possuem certa autonomia.*

*O leitor poderá escolher a peça que lhe parecer mais útil ou interessante. São peças com temáticas distintas, mas com alguns elementos comuns, que norteiam todo o texto. Abordaremos aspectos relativos aos modos de vida no contemporâneo referentes ao uso de ansiolíticos. Falaremos – por meio do cinema - sobre cidade, sobre felicidade e sobre vidas.*

## PROTO-INTRODUÇÃO: O INÍCIO DE UMA CONVERSA

*Da ciência à escritura há uma terceira margem que a ciência tem que reconquistar: a do prazer.*

*Roland Barthes*

Toda pesquisa convoca à ética de não se esquecer as razões e os afetos que nos conectam ao campo de trabalho. A ética desta pesquisa foi se atentar às forças que se processam em meio ao uso de medicamentos ansiolíticos, numa tentativa de diminuir a surdez e a impermeabilidade ao que nos atinge em tempos contemporâneos. O presente texto se configura em contornos de uma pele porosa, com brechas para dar passagem aos movimentos que se processam em nossos corpos, em nossos desejos. A problemática da psicofarmacologização leva a pensar nas anestésias e nas insensibilidades as quais os corpos experimentam para resistir aos excessos da vida urbana atual.

Para além de uma alma dolorida, esta pesquisa é escrita por meio de um ato político e ético. Escrever sobre algo doloroso a partir de sua potência criativa. Dói na alma estar em meio às ressonâncias de um modo de vida cada vez mais exigente. Buscar no encontro com a dor não aquilo que ela impede, mas as possibilidades oferecidas. O que é produzido quando se sente dor? Essa talvez seja a pergunta chave de todo o processo destes escritos. Falaremos aqui de uma dor habitante da vida, de uma dor não paralisadora, criadora de potência e ação.

As primeiras centelhas deste trabalho surgiram no encontro entre Psicologia e Loucura<sup>1</sup>. Encontro que forçou o nascimento do presente texto. Apesar disso, poucas vezes as palavras Loucura e Psicologia serão ditas no decorrer das próximas páginas. Por isso é preciso anunciar já de início que, sem elas, nada disso seria possível. Tanto a Psicologia como a Loucura se esvaneceu entre as palavras e as linhas, mas não haveria berço mais acalentador que pudesse dar movimento a este processo.

---

<sup>1</sup> Experiência de estágio em Psicologia junto ao Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS) no ano de 2009 em Linhares-ES. Tal encontro ressoa constantemente na escrita desta pesquisa que, como tudo que flui no tempo, se transformou.

Falaríamos da loucura não fosse a força da *normalidade*. A loucura é fascinante, mas há uma multidão seguindo em direção à normalidade. Sofrer tornou-se um fardo a ser carregado e a normalidade se impregnou em nossos hábitos, em nossos corpos, penetrou nossas entranhas. Em tempos contemporâneos a loucura mudou de face, se reformulou, não se sabe ao certo. No tempo atual, foi preciso 'desimpregnar' a loucura dos que utilizam os ansiolíticos, tamanho seu contingente.

Pesquisei com a escuta de um psicólogo, mas escrevo com mãos que não são apenas minhas para afirmar a Psicologia a partir da sua dimensão clínica e ética. Produção de Subjetividade é um dos pontos de partida. Se pensamos a vida por meio de uma produção maquínica, como refleti-la apenas a partir da Psicologia? As subjetividades se fazem no entrecruzamento de forças sem nome próprio, em matérias de expressão: artes, música, literatura, cinema, ciência, cidade, viagens, encontros, geografias e histórias. Um conjunto heterogêneo de linhas que constituem os sujeitos e os mobilizam.

Há um processo de transmutação da Psicologia neste trabalho. Esta se conectou com novos elementos, criou suas próprias linhas de fuga e reinventou-se. Escapou das amarras dilacerantes de um crivo estruturante que tira seu ar. Miscigenação dos corpos, antropofagia de uma cultura maquínica incansável na produção de novos territórios. Escutar não apenas com ouvidos, mas com o corpo vibrátil agenciado constantemente àquilo que faz o trabalho funcionar. Este trabalho é Esquizoanalítico porque se conecta com centenas de forças. Tentativa de condensar, numa imensa profusão, a reunião de elementos que não fazem parte da Psicologia Tradicional, porém faz parte da aposta naquilo em que se crê: a multiplicidade.

## INTRODUÇÃO

Em tempos do uso de medicamentos ansiolíticos, torna-se necessário criar espaços com possibilidades de discutir e em entender as novas práticas instituídas neste campo. A utilização desses medicamentos possui um foco de grandes discussões e pesquisas em todo o mundo, apresentando alguns paradoxos no que concernem as práticas de saúde.

Apropriamo-nos dessa discussão para dar início ao que chamamos de 'modos de vida no contemporâneo'. Isto é, o ansiolítico, que a princípio seria o protagonista deste trabalho, é, na verdade, o disparador de debates a respeito dos modos como temos nos relacionado com a vida. Medicamento utilizado para diminuir a ansiedade e aumentar o sono, o uso de ansiolíticos torna-se um dispositivo que põe em análise todo um jogo de poder sobre a vida.

De modo geral, este trabalho é composto de dois momentos complementares. O primeiro se dá a partir do cinema, com a análise de três filmes intercessores, que trazem à tona aspectos relativos aos modos de vida no contemporâneo e suas ressonâncias a respeito do consumo de ansiolíticos e das insensibilidades produzidas por tecnologias médicas e midiáticas. O segundo momento é composto pelas entrevistas realizadas para a construção da pesquisa. Elas foram reescritas em formato de *cenar* e dão voz a histórias de vida e suas conexões com as questões abordadas no decorrer do trabalho.

Na primeira peça, por meio do filme *A pele que habito*, é feito um diálogo sobre as forças e interferências que os corpos contemporâneos têm experimentado em tempos atuais. O corpo tem se tornado impermeável aos atuais modos de viver. Entendemos os movimentos de impermeabilização da existência interligados à própria violência dos estilos de vida produzidos no contemporâneo. Corpos que, em meio ao cansaço, se submetem às tecnologias promissoras de um viver mais ameno, tornando-se impermeáveis às incessantes processualidades da vida.



Em meio às práticas de saúde e especialmente às práticas medicamentosas, coexistem estratégias de enfrentamento para lidar com as oscilações da vida. O consumo de ansiolítico parece se relacionar a uma tentativa de minimizar o sofrimento, a um desejo de anestesiamento do corpo ou um anseio de sentir menos. A partir de tais constatações consideramos – junto ao filme *O palhaço*, na quarta peça - os temas 'felicidade' e 'sofrimento' como pertencentes a esse campo de discussão, já que o uso de uma substância que impermeabiliza o corpo também nos leva a crer em tentativas de buscar modos mais felizes de viver.

Outro aspecto interligado ao uso de ansiolíticos é a *política do tempo* (cronopolítica) em uma sociedade capitalista que preza a velocidade, a instantaneidade e a constante modificação dos estilos de vida, dos hábitos, das tecnologias. Desse modo, o presente trabalho objetiva uma dada discussão sobre esses novos ritmos da vida e seu lugar na produção de subjetividades. Entendemos as novas velocidades para lidar com o tempo e o espaço, como grandes produtoras de adoecimento social.

Falaremos – através do filme *Medianeras*, na terceira peça – a respeito da criação de territórios existenciais que não sigam o fluxo veloz desse novo modo de experimentar o tempo. Invenção de um *espaço no tempo* ou de um *tempo no espaço* onde seja possível fazer uma parada e respirar. Mais ainda, um *espaço* e um *tempo* onde haja possibilidade de vida. Território criado para que a vida não se torne apenas suportável e a existência não seja compreendida como sinônimo de 'suportabilidade'. Com isso, faz-se necessário a abertura de brechas em meio ao concreto das cidades - como veremos na análise deste mesmo filme – para que novos modos de vida sejam criados.

É nesse sentido que o uso de ansiolíticos denuncia práticas sociais adoecedoras, produtoras de cansaço. Tal modo de vida requer de nós um corpo anestesiado e simultaneamente disposto. As rotas de fuga - conceito discutido na terceira peça - parece ser essa linha de ruptura com os preceitos da desenfreada vida urbana, trazendo um arejar para corpos que não têm agüentado mais tais modos de viver.

Para falar, portanto, dos modos de vida no contemporâneo e seu processo de impermeabilização do corpo, nos apropriamos do cinema e da técnica de entrevistar. Criamos junto a esses instrumentos um modo de fazer pesquisa. No processo de pesquisa, eles se tornaram dispositivos essenciais para formulação de uma aposta metodológica, construída no próprio caminhar da pesquisa, a saber: *a dimensão cinematográfica da entrevista*, discutida na última peça do trabalho. Tal método se refere a uma experimentação do cinema e da entrevista enquanto máquinas produtoras de imagens, sons e sensações. Ou seja, o cinema e a entrevista compostos por uma dimensão que dão a eles uma vibratibilidade peculiar. Ambas são máquinas de fazer ver, falar, ouvir, sentir, pensar, etc.

Manteremos ao longo deste trabalho um diálogo com diferentes autores que partem de um ponto de vista comum: a subjetividade enquanto produção. Spinoza, Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari formam o grupo inicial de autores-interlocutores para essa discussão. Autores que reformulam e trazem uma compreensão diferente para o processo de construção de uma pesquisa. Processo entendido não como caminho para uma verdade ou uma descoberta, mas um movimento de escuta e escrita daquilo que vai se formulando em nossas vidas na atualidade. Um fazer-pesquisa que propõe a experimentação de um determinado campo problemático com o intuito de construir e tecer os efeitos dessa experiência.

# PEÇA I

## 1. IMPERMEABILIDADE DA PELE: ‘Eu respiro, eu sei que respiro’

*Num contexto de digitalização universal, em que uma metáfora bioinformática tomou de assalto o nosso corpo, o velho corpo humano, tão primitivo em sua organicidade, já parece obsoleto.*

*Peter Pál Pelbart*

Uma nova pele é construída em processos artificializados<sup>2</sup>. Ela é resistente à dor e a queimaduras. A pele resiste ao que tenta escapar e penetrar-lhe. Essa pele reveste todo o corpo, mas possui pouca porosidade. Uma pele que protege o corpo dos agentes causadores de infecções, de doenças, mas também impede as ações da vida sobre o corpo. Uma pele diferenciada que não sente picadas de mosquito, como também não sente o roçar do vento, o calor do sol.

Em uma época onde se tornou cada vez mais difícil lidar com a dor e o sofrimento, nasce a cada instante tecnologias com a proposta de nos proteger dos movimentos da vida, tornando a pele cada vez mais impermeável às forças que nos atravessam no decorrer do tempo. Tecnologias que visam o apaziguamento, a insensibilidade e o fechar dos poros.

Aprisionada a um fato, aprisionada a um corpo, aprisionada a um quarto e à própria pele, a personagem do filme tenta respirar. Ela tenta escapar do novo rumo que sua vida tomou. Ela escreve com lápis preto em uma parede branca, estampando o contraste incolor que sua vida tomou e a perda do brilho que lhe falta aos olhos. Ela risca, ela rasga tecidos e roupas para compor obras de

---

<sup>2</sup> Esse primeiro momento do trabalho terá como intercessor o filme *A Pele Que Habito*, dirigido por Pedro Almodóvar, 2011, Espanha. Nesta pesquisa partiremos de um posicionamento assumido nas pesquisas do Mestrado em Psicologia Institucional da UFES em conexão com o Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS), utilizando o cinema como intercessor das discussões dos modos de vida no contemporâneo. Essa pesquisa faz intercâmbio com o projeto *Coisas que se passam sobre a pele da cidade*, coordenado pela Professora Leila Domingues Machado.

arte, para não decompor a si mesma. Rasga o tecido vivo que é sua pele para criar para si uma saída, para dar passagem ao ar, e assim, nessa fresta feita na carne, encher-se de vida, ou de possibilidade de vida.

Tenta matar-se para fugir de si mesma e do destino que lhe foi dado. Fazer novas conexões, criar territórios estáveis ao qual possa manter-se segura. Mas até a morte lhe escapa. O sangue lhe foge, e, num grande paradoxo, tudo fica contido, aprisionado, nada parece mudar. O sangue não pode jorrar e a liberdade lhe foi usurpada. Como inventar saídas para a prisão transformada em seu próprio corpo, sua própria pele? Ela tenta recriar a si mesma e fazer fugir aquilo que não é. A personagem escreve na parede do quarto, de cima em baixo, numa tentativa de lembrar a si mesma os dias que percorrem sobre ela. Escreve impulsivamente para não enlouquecer e não perder-se em meio ao tempo que se conjuga único em sua eternidade e mesmice.

Alguns anos se passam em meio a tudo isso. Na TV as imagens de animais devorando suas presas a faz respirar fundo. Algo de semelhante ali: nossa personagem sente-se capturada. Por alguns instantes a personagem parece ter se conformado, parece ter desistido da luta. A conformidade também pode ser entendida enquanto uma escolha para suportar o insuportável. Seu refúgio tornou-se ela mesma, seu próprio corpo. Ela tenta encontrar uma possibilidade em torno do que lhe parece impossível. Presa a uma pele que a impede de sentir, prisioneira de um desejo ressentido, ela tenta resistir, criar linhas de fuga<sup>3</sup>.

Tentativas de suicídio e uso de ópio trazem a vã sensação de liberdade e autonomia, mas nada ocorre. A personagem, para não esquecer que está viva, escreve na parede: 'eu respiro, eu sei que respiro'. O ar está rarefeito, o ópio ajuda a amenizar o modo no qual se encontra, mas não é o bastante. Tudo parece o mesmo e nada é igual.

---

<sup>3</sup> As linhas de fuga, conceito formulado por Deleuze e Guattari (1996) dizem respeito aos movimentos que criamos para irromper com práticas endurecidas – linhas duras - que podem nos adoecer. As linhas duras vêm de fora, nos capturam, nos dá caminhos a seguir, impossibilitando de algum modo a criação. Mesmo ao oferecer um território seguro, as linhas duras impedem movimentos de desvios. Desse modo, criar linhas de fuga é o mesmo que produzir o real, criar vida, encontrar saídas.

*A pele que habito* nos lança em meio à discussão de práticas de saúde. Essas práticas marcam os hábitos da vida cotidiana que, ao se instituir, atravessam nossos desejos, nossos corpos. Estão circulando pelo mercado das tecnologias da saúde todo um aparato que promete nos revestir da cabeça aos pés e nos proteger das ameaças às quais estamos expostos. São pílulas e técnicas tornadas parte das nossas vidas, que trazem a promessa de nos mantermos, o máximo possível, próximos daquilo que acreditamos ser ou gostaríamos de ser. Protegidos, sentimos um alívio. Parecemos dizer: “estamos imunes, agora podemos viver”. Sob essa pele, poucas coisas podem nos atingir, poucas coisas podem passar sobre nós. Com essa roupagem, o limite entre o ‘eu’ e o mundo está posto. Criou-se um dentro em separado do fora. Imunes ao meio externo, acredita-se que nada poderá nos atingir.

Percebe-se que houve um deslizamento – sutil, mas contínuo e seguro – na forma de conceber o corpo próprio, cotidiano. Toda uma tecnologia do saber começa a banhar os espíritos que não só se lançam aos mares em busca do desconhecido como atravessam um limite ainda mais assustador (e sedutor), a pele. “O corpo passa a ter um dentro”. (ARAGON, 2007, p. 41)

Mas a pele é o órgão exposto ao mundo, nos dá contorno e ao mesmo tempo possui aberturas para podermos sentir. A pele nos permite sentir o toque, texturas, temperaturas, dores; em outras palavras, nos conecta com o mundo. Às vezes acreditamos que essa pele parece nos separar do mundo; cria-se um dentro em separado do fora. Dentro do corpo e fora do corpo, a pele daria certo limite para esse vai e vem. Mas a pele se dobra<sup>4</sup>: ela nos conecta tanto com o dentro, quanto com o fora. “O fora é um sempre outro do dentro” (ROLNIK, 1997, p.26). Ela é flexível, permite variações. A pele é dentro e fora ao mesmo tempo. Tem poros para que o exterior e o interior não se separem, mas seja conexão. Se a pele *pode* ser flexível e nos por em contato, para quê sua impermeabilidade?

---

<sup>4</sup> O conceito de dobra é utilizado por Gilles Deleuze (1988) e traz a concepção base para os estudos desse tópico. A dobra é uma conexão entre interior e exterior, não havendo, na verdade essa cisão. O que forma o interior não se distingue do que está fora, mesmo que momentaneamente encontre-se na face de dentro. Desse modo, interior e exterior não se afastam. Tal discussão serve para refutar a hipótese de um “eu” essencializado que não sofreria influência das forças do fora. A aposta que se faz é numa concepção de subjetividade enquanto uma dobra, onde as forças do fora se conjugam e ressoam em nós, isto é, somos dentro-fora.

O drama da personagem se assemelha de alguma forma aos modos de vida produzidos na contemporaneidade. Ao sentir as ameaças do fora, tentamos nos revestir de uma suposta proteção, criando a ilusão da imunidade. Tememos fugir do nosso centro, tememos nos perder e enlouquecer. Evita-se assim a experiência da multiplicidade. Não conseguimos experimentar o 'eu' como possibilidade de divergência de si mesmo. Nas palavras de Reis (1996, p. 93) "quando a vivência de multiplicidade se apresenta, em sensações que nos lançam nestes registros de sensorialidades intensivas, geralmente nos sentimos ameaçados de fragmentação e de aniquilamento."

Diante dessas situações colocadas no decorrer da vida, buscamos algo que nos proteja. As novas tecnologias criadas para nos imunizar da própria vida servem para apagar o medo da mudança, o medo dos abalos, o medo de sermos outros.

Cria-se um sistema de proteção contra estímulos; uma espécie de carapaça extremamente rígida e impermeável às impressões e sensações, que impede sua inscrição como registros experienciais, como memória. O choque causado pelo excesso sensorial tem que ser defletido (REIS, 1996, p. 87)

Somos atravessados e compostos por diferentes forças conjugadas em nós. Essas forças se reúnem em uma configuração provisória para a definição e problemática do 'eu'<sup>5</sup>. Elas estão em constante movimento, logo, esse 'eu' precisa ser pensando a partir de uma fluidez. Em nossa pele há sempre marcas daquilo que nos atravessa de algum modo e, portanto, são partes de nós mesmos. O filme 'A pele que habito' nos convida a pensar na composição de forças que temos evitado experimentar. A pele impermeável se apresenta como mais um dispositivo para lidar com as diferentes configurações da vida. Uma estratégia para não sentir as invasões e os excessos da vida e suas normatizações.

---

<sup>5</sup> A subjetividade se faz não apenas por instâncias individuais, mas coletivas e institucionais, o que não a torna exclusivamente social. Por isso os termos 'produção de subjetividade' ou 'processos de subjetivação' se referem às forças constantemente engendradas nas maquinarias sociais. O termo coletivo deve ser entendido no sentido de sua multiplicidade, desenvolvido para além do indivíduo, junto ao campo social. De acordo com Guattari (1992), além dos componentes individuais que forjam a subjetividade, existe também um universo de referências incorporais, ou, uma parte não-humana da subjetividade, o que a torna heterogênea e plural.

Cada vez que nos recusamos a viver as tempestades, ou as pequenas fissuras de nosso cotidiano, empurramos para o lado inúmeras percepções e sensações que poderiam servir de matéria prima para nosso viver. Acabamos nos endurecendo e correndo o risco de nos sentirmos quebrados e com raízes arrancadas pela violência dos acontecimentos (REIS, 1996, p. 94)

Um corpo envelado, preso às teias de um mundo cada vez mais exaustivo. A sensação de proteção se mescla à insensibilidade para com os fatos. Não há criação de filtros para os excessos, e escolhemos sentir pouco, por medo de sentir demais.

O corpo vibrátil está em coma, nos diz Rolnik (2004). O corpo vibrátil é aberto às forças da vida e nos convoca às sensações. Distingue-se de um corpo apenas orgânico e sensível. “O corpo vibrátil traz para a subjetividade a presença viva do outro, presença passível de expressão, mas não de representação”. (Rolnik, 2004, p.02).

A obstrução do acesso às sensações, como é o caso em nossa atualidade, interrompe o processo, provoca um divórcio entre as potências de criação e resistência, e as separa do objetivo para o qual elas são convocadas: a perseverança da vida. Surdas ao que pede a vida para continuar a se expandir, o exercício destas potências, quando mobilizadas, passa a colocá-la em risco. (ROLNIK, 2004, p. 04)

A personagem do filme é aprisionada em um quarto com câmeras que a filmam o tempo todo. Ela usa ópio para amenizar a dor. O paradoxo da pele impermeável se coloca. Uma pele sem poros não é suficiente para imunizar o sofrer comum à própria vida. O sofrer é efeito de um corpo vivo, tecido e conectado à rede da vida. O quarto dela não possui saída, nem a pele. No emaranhado dos fatos ocorridos, a luta pela liberdade se torna cada vez mais difícil. A primeira prisão foi imposta como castigo e como capricho: um homem num corpo de mulher. Como é possível criar linhas de fuga para lidar com os artifícios aos quais somos submetidos e expandir para outros territórios existências?

Vemos atualmente à disposição no mercado a invenção de dispositivos que se assemelham a essa pele, nos deixando pouco sensíveis ao mundo, resistentes à dor e a uma série de adoecimentos. A pele impermeável sustenta a crença em um 'eu' separado do mundo. Almodóvar (2011) põe em cena a criação de uma pele que nada penetra nem atinge. Uma pele camuflada, sem poros. Um escudo que impede ao máximo de sentir. Mas o que não agüentamos sentir? As sensações são os sinais anunciando a vida pulsando no corpo. Então porque não queremos sentir? Quais são as novas intensidades não mais suportáveis? Criamos um escudo protetor para as oscilações da vida que diminuem a exposição aos fatos, aos afetos, aos encontros. Nas palavras de Rolnik (1997, p.30): “não se trata mais de alucinar um dentro para sempre feliz, mas sim de criar as condições para realizar a conquista de uma certa serenidade no sempre devir outro”.

Lapoujade (2002) ao falar do corpo que não aguenta mais, diz que o corpo tende a se proteger das forças vindas do fora, causadoras do sofrer. Reage-se a isso tanto pela fuga, pela insensibilidade, como pela imobilização, ou seja, um movimento de fechar-se a essas exterioridades. Um corpo fechado para as forças do fora é um corpo que teme sofrer, ou que não aguenta mais padecer. O que o autor nos diz é da importância de retomar o corpo naquilo que lhe é mais comum, os encontros e os afetos. Deleuze (2002), também afirma que um corpo não pára de ser submetido à força dos encontros, seja com a luz, com o oxigênio, com os sons, os alimentos, isto é, um corpo não cessa de estar em relação com outros corpos. Nesse sentido, ao invés de impedir a ocorrência dos encontros, de torná-lo um corpo impermeável, é preciso criar filtros, deixar-se afetar por aquilo que nos fortalece e, por outro lado, evitar os encontros ameaçadores e violentos. Abrir-se, mas não ao ponto de ser destruído pelos encontros.

Se defender do que é estrangeiro, não deixar agir a excitação como uma força formadora, lhe opor uma pele dura, um sentimento hostil: para a maioria essa é uma necessidade vital para sua conservação. Mas no domínio moral, a livre amplitude da vista atinge seu limite lá onde não sentimos mais a excitação estrangeira como uma excitação estimulante, mas apenas como prejuízo. (STIEGLER citado por LAPOUJADE, 2002, p. 90).



A pele estabelece contato, no entanto no caso em questão, a isola do mundo. Corpo incapaz de manter uma troca com o meio, incapaz de se afetar. Impermeáveis, tornamos o corpo insensível, blindado de cima em baixo. Em meio à profusão e às desordens que nos desestabilizam no decorrer do tempo, precisamos de apoio, de um suporte firme para suportarmos tamanha intensidade de sensações. Corpos resistentes ao tempo, mas insuportáveis às afetações, às mudanças que se fazem presentes. Um corpo blindado não possibilita a ação necessária para sair dessa lógica circular infinita. A pele que habitamos pode ser reinventada e também mais porosa e potente. São muitos os artifícios aos quais temos recorrido para lidar com as variações da vida. É possível se proteger da própria vida? Não seria isso a morte?

Algo precisa se irromper. A pele precisa se abrir, sangrar se for necessário. O sangue escorrendo sinaliza a vida que ali pulsa. Sem fazer apologia ao sofrer, mas propondo uma discussão permissiva a compreender os processos em curso no contemporâneo, traçamos linhas que permitam pensar nos movimentos de endurecimento para com a vida, pois são esses os novos movimentos em voga: o de sempre buscar algo para amenizar a dor, algo que amenize a força e a tensão do encontro com as diferenças, tecnologias amenizadoras do próprio viver.

Essa pele sem poros que tenta nos separar do fora, chega ao ápice do medo com relação às forças do mundo. Em nossa cultura ocidental acreditamos em uma identidade e um corpo que precisa se manter continuamente durante toda a vida. Acreditamos que o “eu” identitário reveste e assegura um território que, portanto, precisa ser protegido do fora. “Não suportamos tão bem experiências em que os atravessamentos do mundo põem em risco o nosso último bastião: a nossa identidade coesa em sua divisão.” (REIS, 1996, p. 87).

A questão que se coloca é: como encontrar saídas para situações mostradas impenetráveis? Como abrir brechas e suavizar os processos sociais, políticos e econômicos dos atravessamentos e constituição das subjetividades? Experimentamos habitualmente os modos de vida a partir de sua dureza e sua coerção, e, nesse momento, é imprescindível criar espaço para uma discussão

de uma proposição serena e suave, fazendo funcionar as micropolíticas e sua constante produção de transformação para modos de vida menos turbulentos e mais acalentadores.

## PEÇA II

### 2. BIOPODER E MEDICALIZAÇÃO SOCIAL

O biopoder e a medicalização são dois campos-conceitos sobre os quais produziremos alguns desdobramentos ao longo deste trabalho. Nesse momento - a fim de situar o campo problemático sobre o qual recai esta pesquisa - seguiremos nas trilhas de Michel Foucault, autor que se dedicou a análise de diversos aspectos sociais. Faremos referência a alguns de seus trabalhos os quais auxiliarão na compreensão do tema central da presente pesquisa: modos de vida e uso de ansiolíticos no contemporâneo.

O consumo de psicofármacos<sup>6</sup> diz respeito ao processo global de medicalização social, isto é, à produção de práticas de cuidado à saúde e sua intervenção sobre os hábitos da vida cotidiana<sup>7</sup>. Em torno do aumento do uso dessas substâncias estão relacionados fatores econômicos relativos à indústria farmacêutica, fatores governamentais referentes à produtividade e fatores desejantes relacionados às promessas de uma vida feliz e saudável<sup>8</sup>. Tais aspectos têm a ver com práticas e discursos em funcionamento numa sociedade capitalista e midiática, e são compreendidos enquanto estratégias de poder referentes à nossa época.

As hipóteses levantadas sobre a produção social da medicação nos levam a pensar em dois pontos de vista possíveis de análise: o primeiro seria compreender o uso de ansiolíticos como resistência aos modos de vida capitalísticos instituídos no corpo social, que vem demandando cada vez mais trabalho e atividade do corpo, levando-o a um ponto de exaustão. Um segundo

---

<sup>6</sup> O uso de psicofármacos tem apresentado aspectos peculiares referentes aos modos de vida na contemporaneidade, o que o torna campo de análise das novas configurações sociais presentes atualmente.

<sup>7</sup> Compreendemos o uso de psicofármacos como um dispositivo da medicalização social, que faz funcionar toda uma lógica vigente na atualidade acerca das novas concepções de saúde e de modos de vida saudáveis.

<sup>8</sup> Esses fatores mencionados serão retomados e discutidos nos próximos tópicos.

ponto de análise seria pensar que, a utilização de ansiolíticos aponta não para um movimento de resistência à velocidade da vida na atualidade, porém um modo de participação e inclusão a esse sistema, onde é necessário estar disposto para continuar pertencendo à lógica de inclusão capitalista que demanda 'corpos saudáveis'. Nessa discussão existe, no entanto, um ponto de intersecção, quando a exigência de um corpo saudável - disposto a exercer todas as atividades cotidianas - se funde e se confunde com um corpo cansado, que não agüenta mais tais práticas capitalistas mercadológicas.

As novas configurações sociais referentes ao uso de psicofármacos podem ser entendidas dentro de uma lógica médica instituída nas práticas sociais e que foram descrita por Foucault (1979) ao tratar do conceito de *Medicalização Social*. Entende-se por medicalização todo o processo histórico referente à expansão do saber médico sobre os hábitos cotidianos da população, desde os mais simples, até os mais complexos. Nesse sentido, o processo de medicalização não deve ser compreendido como sinônimo de uso de medicamentos, pois o primeiro termo diz respeito a um processo social maior. O uso de medicamentos enquanto terapêutica médica é um dos elementos constituintes da medicalização social.

A medicalização social diz respeito ao que Foucault chamou de biopoder ou poder sobre a vida. Para compreender o conceito de biopoder Foucault (1988) nos apresenta inicialmente sua concepção de *poder*. O autor desloca a compreensão desse termo da antiga concepção a que era atribuído: o poder enquanto exercício de dominação hierarquizado. Para Foucault, o poder precisa ser pensando não como algo proibitivo e negativo. O poder é - antes de tudo - produtivo, está em toda parte e provém de todos os lugares, sendo assim, ele não é algo adquirido ou algo a que se escape, mas um exercício. Não há hierarquia no exercício do poder e seu exercício é circular e destituído de uma face, de um corpo.

Para esclarecer essa concepção de poder, analisando a história da sexualidade, Foucault descola o pensamento vigente sobre o sexo e o poder, antes arraigado na hipótese repressiva, e nos convoca a pensar *o sexo sem a*

*lei e o poder sem o rei*. De acordo com o autor, essa hipótese repressiva precisa ser refutada, para que possamos dar início aos estudos imersos numa grande rede de forças<sup>9</sup>.

Ele [o poder] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo da possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, ele induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p. 243, grifo nosso).

É por meio dessa concepção de poder que Foucault começa a investigar o exercício de práticas médicas pelo corpo social. Foucault (2011) nos mostra como no século XVIII, a medicina foi aos poucos se apropriando da vida, deixando de ser uma prática restrita ao cuidado do corpo e do tratamento de doenças, passando a gerir a vida em todos os seus aspectos, seja no modo como nos vestimos, na higiene dos lugares habitados, nos alimentos consumidos, no ar respirado. Esse processo de medicalização social, que diz de um exercício de poder sobre a vida da população, ocorreu a partir de mudanças paradigmáticas na história social, sendo a medicalização o efeito da construção de práticas médicas institucionalizadas no cotidiano, tornando-se indispensável para gerir a vida.

Começa-se a conceber uma presença generalizada dos médicos, cujos olhares cruzados formam uma rede e exercem em todos os lugares do espaço, em todos os momentos do tempo, uma vigilância constante, móvel, diferenciada. [...] deseja-se um controle estatístico da saúde, graças ao registro dos nascimentos e das mortes [...] pede-se que as razões de reforma sejam indicadas em detalhe pelo conselho de revisão; finalmente, que se estabeleça uma topografia médica de cada departamento “com cuidado sumário sobre a região, as habitações, as pessoas, as paixões dominantes, o vestuário, a

---

<sup>9</sup> Para explicar esse equívoco sobre o pensar comumente como de vocábulo *poder*, Foucault (1988) diz que, a exemplo do sexo, contrário do que se imagina, ele não foi algo proibido e repreendido socialmente, mas foi incitado nos discursos, seja nas confissões religiosas, nas confissões ao psicanalista, ao psiquiatra, ao educador. Criou-se uma rede discursiva onde o sexo foi colocado a falar. Mais do que esconder nossos desejos carnis, fomos incitados a falar deles, e falar cada vez mais. Nesse sentido, foi se constituindo toda uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, para que assim fosse possível formular sobre ele não apenas um discurso moralista, mas racionalista. A confissão assume nesse momento uma estratégia eficaz do poder para produzir ‘verdades’. Essa técnica da confissão é muitas vezes mascarada com a idéia de que exista uma verdade a ser buscada no fundo de si mesmo, sendo a palavra o viés para alcançá-la.

constituição atmosférica, as produções do solo, o tempo de sua maturidade perfeita e de sua colheita, assim como a educação física e moral dos habitantes da região”. E como se não bastasse a implantação dos médicos, pede-se que a consciência de cada indivíduo esteja medicamente alerta; será preciso que cada cidadão esteja informado do que é necessário e possível saber em medicina. E cada prático deverá acrescentar à sua atividade de vigilante uma atividade de ensino, pois a melhor maneira de evitar que a doença se propague ainda é difundir a medicina (FOUCAULT, 2011, p. 33).

Nesse momento histórico tem início a apropriação da medicina sobre os diversos setores da vida, não apenas ‘o corpo doente’. É iniciado aquilo a que chamamos de ‘modos de vida saudável’. Saúde relacionada não somente ao bom funcionamento do corpo, mas aos comportamentos saudáveis, ao controle e vigilância dos hábitos de vida.

Tais práticas de controle e vigilância da vida começam a surgir quando o médico é chamado a responder questões de adoecimentos não mais individuais, mas coletivas, nas chamadas epidemias. Os médicos percebem que para uma intervenção mais segura é preciso tratar não da doença que atinge o corpo, mas sim, intervir sobre os meios nos quais essas doenças surgem. Nesse sentido, é preciso investigar, registrar e produzir modos saudáveis de viver. Essa prática foi possível, por meio do mapeamento das cidades e da descoberta que o ar, a água e o lixo são meios transmissíveis de doenças. Desse modo, é a partir das análises epidêmicas e endêmicas sobre a população que surgiram os primeiros procedimentos de tratamento coletivo à saúde, não por intervenção direta ao doente, mas em suas condições de habitação, alimentação e exposição ao ar ou águas poluídas.

Na gestão da existência humana, [a medicina] toma uma postura normativa que não a autoriza apenas a distribuir conselhos de vida equilibrada, mas a reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive. (FOUCAULT, 2011, p. 37).

A passagem para uma medicina científica não se deu através da medicina privada, individualista, através de um olhar médico mais atento ao indivíduo. A inserção da medicina no funcionamento geral do discurso e do saber científico se fez através da socialização da medicina, devido ao estabelecimento

de uma medicina coletiva, social, urbana. (FOUCAULT, 1979, p. 92).

É por meio desse processo de instauração do saber médico sobre os hábitos da vida que foi possível conceber aquilo que Foucault (1979) chamou de biopoder. Segundo o autor, o biopoder desenvolveu-se a partir do século XVII, inicialmente ao tratar do corpo como máquina, no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças. Por volta do século XVIII o poder centrou-se no corpo-espécie, na população. Nesse sentido, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar, tornaram-se o centro de intervenção do poder. Esse poder se caracteriza não mais como a lógica soberana de *deixar viver e fazer morrer*, mas um novo poder com função de investir sobre a vida em todos os seus aspectos.

É, portanto, a partir desses aspectos relacionados ao biopoder e à medicalização social que analisaremos as questões relativas ao uso de ansiolíticos no contemporâneo e suas vicissitudes. A prescrição e utilização de medicamentos, compreendida como um elemento da medicalização social, tornam-se pistas para entendermos as práticas sociais referentes aos novos estilos de vida referentes ao consumo de ansiolíticos. Em todo esse processo de controle e vigilância dos corpos instaurado pelo biopoder, vemos nascer práticas e discursos sobre como viver mais e melhor. É nesse sentido que os psicofármacos ganham uma função dentro dessa lógica de exercício do poder.

## **2.1 BENZODIAZEPÍNICOS E CONTEMPORANEIDADE: alguns questionamentos.**

Os benzodiazepínicos<sup>10</sup>, medicamento pertencente à classe dos ansiolíticos, tornou-se o psicofármaco mais consumido no Brasil e tem sido cada vez mais

---

<sup>10</sup> O benzodiazepínico, assim como o álcool e o barbitúrico, é um fármaco Depressor do Sistema Nervoso Central, com ação hipnótica e ansiolítica. É utilizado em casos de insônia, no tratamento de transtornos

aderido em diferentes países do mundo inteiro. A Organização das Nações Unidas - ONU (2008) publicou em seu relatório que, desde 1990 os benzodiazepínicos são utilizados por mais de 200 países. O mesmo relatório da ONU (2008) anunciou que no período de 1990 a 1999 o consumo mundial desse medicamento chegou a 76 toneladas anuais. Dados obtidos pela Organização Mundial da Saúde – OMS<sup>11</sup> (1996) confirmam o aumento gradativo de pessoas que consomem ou já consumiram os benzodiazepínicos, sendo grande o número de usuários dependentes.

As práticas relativas ao uso de benzodiazepínicos trazem à cena aquilo que se entende enquanto produção de desejo, ou políticas de subjetivação<sup>12</sup> no contemporâneo<sup>13</sup>. Compreenderemos essa nova configuração dos benzodiazepínicos no cenário atual não apenas como objeto de estudo desta pesquisa, mas um dispositivo<sup>14</sup> de análise dos processos sociais em curso nesse momento.

De acordo com Foucault (1988), um dispositivo funciona como um operador do poder, uma estratégia ou forma de assujeitamento. Com isso, nos atentaremos não apenas para a quantidade de benzodiazepínicos consumidos, mas também aos processos psicossociais em torno dele. O constante uso de um medicamento que anestesia<sup>15</sup> o corpo diz dos modos como temos nos relacionado com a vida, diz daquilo que se passa por nossas relações cotidianas.

---

graves e leves de ansiedade, e pode ser usado também como medicamento auxiliar em anestésias. Os benzodiazepínicos mais conhecidos e utilizados no mercado são: o clonazepam e o diazepam.

<sup>11</sup> A citação da OMS aparece nas referências em sua versão publicada no inglês: World Health Organization – WHO (1996).

<sup>12</sup> Os conceitos de Produção de Subjetividade e Produção de Desejo foram elaborados por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A subjetividade e o desejo não estão relacionados apenas a instâncias individuais, mas coletivas e institucionais, o que não a torna exclusivamente social, e por isso recebe o termo 'produção de subjetividade' ou 'processos de subjetivação', pois são engendradas nas maquinarias sociais constantemente.

<sup>13</sup> Entendemos o *contemporâneo* naquilo que Barthes (2003) chamou de *Viver-Junto*, ou seja, um fato essencialmente espacial e temporal, viver num mesmo lugar, viver no mesmo tempo e ao mesmo tempo em que uma determinada situação se mostra em andamento, ultrapassando a cronologia habitual. Uma espécie de aterrissagem sobre um dado momento/processo ao qual estamos vivenciando, mas não em sua cronologia, e sim na sua duração.

<sup>14</sup> Sobre esse conceito, Deleuze (1989), no texto 'O que é um dispositivo', em articulação com o pensamento de Foucault, nos apresenta a concepção de que os dispositivos podem ser entendidos como máquinas de fazer ver e falar: visibilidade e dizibilidade. Ou seja, refere-se a práticas e discursos, assim como a instituições ou táticas moventes.

<sup>15</sup> Utilizamos a palavra 'anestesia' para nos referirmos a um estado de diminuição da ação do corpo. Os benzodiazepínicos, conforme explicado acima, é um ansiolítico e não um anestésico.



Uma peculiaridade da sociedade capitalista com relação ao uso de drogas - incluindo os psicofármacos – é que a utilização dessas substâncias, antes entendida como possibilidade de ampliação do campo de sensações e de cura, não tinha unicamente como função o cuidado à saúde ou um escape de problemas pessoais. Percebe-se atualmente a existência de práticas e discursos sustentados pela necessidade do uso de ansiolíticos, uso relacionado às promessas de um cuidado à saúde. Nesse sentido, o consumo de drogas e psicofármacos na contemporaneidade passam pelo crivo daquilo que se tem como concepção de vida, tornando-se efeito de forças sociais indicadoras das características dessa época, e faz as drogas terem funções diferentes das que se tinha anteriormente.

O capitalismo, a mídia, e as ciências são forças que fazem funcionar os novos sentidos atribuídos aos benzodiazepínicos, naturalizando-os nos hábitos cotidianos. A publicidade de medicamentos, por exemplo, foi e ainda é um grande produtor de desejo sobre o bem-estar que tais substâncias dizem proporcionar. Dantas (2010) traz uma discussão a respeito da publicidade desses medicamentos e de como a mídia tem papel fundamental na produção de desejo sobre uma vida 'sem sofrimento'. Em uma sociedade de consumo, os psicofármacos tornaram-se mercadorias, assim como a experiência do bem-estar.

Acreditamos que os medicamentos, legitimados pela ciência e identificados com o progresso, são vistos por um grande número de pessoas como instrumento verdadeiramente eficaz para enfrentar os males do corpo e da vida. Nesse sentido, torna-se fundamental colocar em cena a relação entre cultura de consumo, lógica que regula todos os âmbitos da vida em uma sociedade capitalista contemporânea de publicidade. (DANTAS, 2010, p. 133).

Por outro lado, no meio científico psiquiátrico, é divulgado cada vez mais o surgimento de novas psicopatologias e com isso, o conseqüente aumento no consumo de psicofármacos tornou-se alvo de muitos estudos e pesquisas em todo o mundo. Diferentes autores afirmam que a expansão do diagnóstico psiquiátrico e do uso de psicofármacos vem atingindo uma parcela cada vez maior da população. Tal situação minimiza as especificidades dos critérios

diagnósticos, fazendo com que toda e qualquer pessoa esteja sujeita a receber um diagnóstico de transtorno mental e prescrição de psicofármacos em algum momento de sua vida. (ANGELL, 2011; RODRIGUES, 2003; MARTINS, 2008; RAUTER, PEIXOTO, 2009; CAPONI, 2009)

O DSM<sup>16</sup> (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) tem sido outro foco de discussão entre os profissionais da saúde, pois o seu uso é questionado. Atualmente o DSM apresenta-se em sua 4<sup>o</sup> versão (DSM-VI) e desde sua primeira publicação em 1952 pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) grandes controvérsias vêm surgindo. Isso se deve ao fato de que, a cada nova publicação, o manual traz uma nova série de diagnósticos psiquiátricos. Com isso, acaba-se afirmando e ampliando as diferentes características humanas como sintomas de algum transtorno mental. Ao seguir esse ritmo, em pouco tempo ou como já ocorre, a maioria das pessoas estará incluída em algum diagnóstico fornecido pelo DSM (MATOS et al, 2005; CAPONI, 2009; GUARIDO, 2007; MARTINS, 2008; GORESTEIN, ANDRADE, 2005). O processo de enquadramento das divergências humanas a um quadro patológico amplia-se cada vez mais, minimizando as margens de compreensão do sofrimento enquanto possibilidade de existência, ou fator comum que aponta apenas para os processos habituais da vida e não para patologias.

Estudos realizados por Angell (2011) analisam a problemática vivida pela população dos Estados Unidos, mas que também se resvala e diz de práticas percorridas por todo o mundo. As pesquisas observadas pela autora revelam que o número de americanos com transtorno mental dobrou entre os anos de 1987 e 2007. Até esse período 1 em cada 184 americanos tinha alguma doença mental, e atualmente esse número passou para 1 em cada 76. Além disso, dados apontam que a maioria dos pesquisados se encaixam em mais de um diagnóstico e o tratamento desses transtornos quase sempre implica o uso de psicofármacos. (ANGELL, 2011)

---

<sup>16</sup> DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) é um manual de classificação e descrição dos transtornos mentais com definições precisas sobre a sintomatologia dos transtornos para unificação do diagnóstico. Ao todo são 16 classes diagnósticas com códigos numéricos, divididos em cinco eixos.

Entre medicamentos e psicodiagnósticos, cresce também a convicção de que o corpo e o cérebro são palco de doenças e são apenas sobre eles que as pesquisas precisam se debruçar para descobrir a ‘cura’ desses adoecimentos. O excesso de diagnósticos psiquiátricos e do uso de psicofármacos sustenta a ideia de que os transtornos mentais são causados apenas por desequilíbrios químicos, ajustados com medicamentos. Tal fato coloca em xeque os demais fatores os quais não apenas contribuem, mas também constituem o ser humano, a saber: os atravessamentos políticos, econômicos, educacionais, assim como as peculiaridades sociais referentes a cada região de cada país. (CAPONI, 2009; ORTEGA, 2006; 2009; PELEGRINI, 2002; RODRIGUES, 2003; MARTINS, 2008; RAUTER, PEIXOTO, 2009)

Caponi (2009) ao falar da “medicina do não patológico” formulado por Foucault (1979; 2011) e Canguilhem (2011), ressalta sobre o excesso de classificações ao qual estamos submetidos, transformando em termos médicos toda e qualquer conduta considerada atípica ou anormal. Para Caponi (2009), as fronteiras entre o normal e o patológico tornaram-se cada vez mais ambíguas, móveis e instáveis, e, nesse sentido, a medicalização das ‘más condutas’ se estende por todo o corpo social, atingindo praticamente todos os domínios da nossa existência.

Com efeito, a delimitação de fronteiras entre os diferentes transtornos levou a uma superespecificação das categorias diagnósticas, resultando num aumento exponencial do número de categorias diagnósticas e principalmente na produção de novos medicamentos psiquiátricos (MARTINS, 2008, p. 332)

De modo geral, é necessário questionar quais seriam os critérios observados na hipótese diagnóstica, já que as diferenças de cada indivíduo e de cada aspecto referente à sua cultura são minimizadas nos procedimentos diagnósticos. O DSM-IV possibilita aos profissionais da saúde chegarem ao mesmo diagnóstico, independente do contexto social e cultural. Nesse sentido, está fora dos critérios de avaliação psiquiátrica as problemáticas particulares ao país e sua cultura, uma vez que esses aspectos são imprescindíveis para uma compreensão do adoecimento da população. (GORESTEIN, ANDRADE, 2005; JENKINS, 2010 apud NINNEMANN, 2012; MARTINS, 2008;

SCHLOSSER, HOFFER, 2012; JENKINS, 2012; RAUTER, PEIXOTO, 2009; RODRIGUES, 2003).

Abonar a singularidade humana em benefício da generalização não é, entretanto, um descuido do DSM-III, mas, ao contrário, o seu próprio objetivo. Na verdade, o DSM-III tem a sua força, exatamente, em função de abolir qualquer perspectiva singular a favor do genérico, daquilo que não pode ser visto em uma determinada pessoa em particular, mas, por ser geral, pode caracterizar-se como sintoma de “algo”, fazendo assim parte de uma síndrome (RODRIGUES, 2003, p. 14-15).

Em seu trabalho sobre as biopolíticas no contemporâneo, Martins (2008) levanta uma série de questionamentos a respeito da expansão dos diagnósticos e dos modelos de tratamento que tem como base o DSM-IV. Segundo o autor, esse manual traria uma expectativa de não direcionar o tratamento em termos teóricos, levantando a hipótese da universalização do diagnóstico. Esses critérios de tratamento sugerem uma tentativa de homogeneizar e normalizar os sujeitos através da escuta de uma série de situações, entendidas como sintomas, transformando em um número relativo à doença dentro do manual. Nesse sentido, diz Martins “o diálogo com o paciente sobre seu sofrimento perde importância, bem como a preocupação com seu contexto psicossocial. Desse modo, a intervenção volta-se para uma única dimensão: o campo somático. (2008, p. 332)”. Nesse sentido, o relato do sujeito é transformado em um saber estabelecido anteriormente e as respostas oferecidas pelo profissional dizem respeito aos sintomas de um corpo, que, nas palavras de Martins (2008), torna-se congelado.

Pesquisas como a de Jenkins (2012) nos convocam a pensar na amplitude da consequência do uso de psicofármacos. É preciso uma variedade de estratégias para explorar o nexo entre as experiências individuais subjetivas dos psicofármacos e o processo global que molda o consumo dessas substâncias. Segundo esse autor, pesquisas na área da farmacologia não consideram a experiência individual de quem consome, e por consequência, deixa-se de lado a atenção necessária para as dimensões econômicas e políticas dessa problemática. Tal perspectiva de pesquisa sobre os psicofármacos se deve ao fato de que o modelo farmacológico de tratamento é

baseado no princípio de que os medicamentos têm a mesma ação em todos os pacientes, por meio de dosagens padronizadas, e os efeitos dos medicamentos são considerados universais (SCHLOSSER; NINNEMAN, 2012).

Nos Estados Unidos cerca de 25% da população utiliza algum tipo de psicofármaco (JENKINS, 2010 apud NINNEMANN, 2012). No Brasil, em 2012, os benzodiazepínicos aparecem em primeiro lugar na lista de medicamentos mais consumidos. Jenkins (2012) e Schlosser e Hoffer (2012) entendem esse processo relacionado a uma espécie de 'Imaginário Farmacológico' resultante dos processos de divulgação e venda das indústrias farmacêuticas, as quais prometem a eficácia do tratamento assim como o 'alívio do sofrimento'. O imaginário farmacológico pode ser compreendido como produções sociais contemporâneas, formulado por meio de aspectos culturais orientados para as inúmeras possibilidades de vida reservadas pela modernidade. Desse modo, a utilização de psicofármacos não diz apenas de uma necessidade interior ao sujeito, mas das produções de desejo emergentes nesse dado contexto.

Em consonância com Schlosser e Ninnemann (2012), os psicofármacos tornaram-se o meio mais comum de tratar os adoecimentos mentais em diversos lugares do mundo. Conforme afirma Lñesta e Oteo (2011) nos últimos 40 anos a economia da saúde e do bem-estar tornaram-se o setor com mais rápido crescimento em várias partes do mundo, representando hoje um volume de negócio bilionário. A indústria da saúde está presente em todas as formas e processos de globalização e seus mercados de bens, mão de obra e serviços, assim como seus fatores de produção estão mundializados.

Outras pesquisas revelam a necessidade de estabelecer critérios antes de determinar e lançar algum medicamento no mercado. Segundo Schlosser e Ninnemann (2012) os psicofármacos não são pílulas mágicas de cura e cada droga tem potencialmente múltiplos efeitos. Tais descobertas mostram a necessidade de questionar o significado e a real eficácia dos psicofármacos, isso porque, enquanto as intervenções psicofarmacêuticas prometem uma poderosa melhoria para as psicopatologias, as avaliações do seu sucesso ou fracasso são ambíguas e contraditórias.

## 2.2 UMA NOTA SOBRE ÉTICA E O USO DE ANSIOLÍTICOS

Nietzsche e Spinoza teceram críticas sobre os valores atribuídos às noções de *bom* e *mau* por considerarem o caráter moralizador desses termos. Em sua *Ética*, Spinoza (2010) declara que não há nas coisas, de antemão, o caráter de bom ou mau, esses valores só são atribuídos na medida do encontro entre os corpos, ou seja: diz-se que algo é *bom* quando produz alegria, isto é, quando aumenta a potência de vida, o perseverar da vida, e o contrário se aplica ao conceito de *mau*.

Assim, é à medida que percebemos que uma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza que nós a chamamos de boa ou má. Portanto, o conhecimento do bem e do mal nada mais é do que a ideia de alegria ou de tristeza que se segue necessariamente desse afeto de alegria ou de tristeza. (SPINOZA, 2010, p. 277)

Para Nietzsche (2009), o bem e o mal são valores que precisam ser questionados, pois eles tratam de interesses, daquilo que é útil e conveniente em determinado momento. Os valores não estão nas coisas em si, mas na utilidade a elas atribuídas. Diz-se que algo é mal quando vai de encontro aos próprios interesses, e o contrário vale para o conceito de bem.

Ao compreender que as coisas não possuem valores a priori, algumas perguntas são necessárias para dar continuidade à conversa que esta pesquisa se propõe. A utilização de benzodiazepínicos faz bem ou mal aos sujeitos? Quando faz bem ou mal? Onde situar a ética na composição dos corpos, no sentido spinozano do termo, no que tange a busca de um ‘bom encontro’<sup>17</sup>, no que diz respeito ao uso de ansiolíticos?

Os medicamentos não possuem valores a priori. Os valores são atribuídos na medida em que acontecem os encontros. Nesse sentido é possível afirmar que ora existem bons encontros entre os usuários e os benzodiazepínicos, e ora existem maus encontros. Do mesmo modo que em algum momento esse medicamento pode produzir o bem, o mesmo medicamento, em outra situação,

---

<sup>17</sup> A expressão ‘bom encontro’ diz respeito à ética spinozana. A produção dos bons encontros ocorre quando há composição dos corpos, isto é, quando um encontro produz alegria, potência de vida.

pode produzir o mal. Qual seria a ética desse encontro e a quem cabe estabelecer esse critério do encontro entre os corpos, medicamento e usuário? Um campo de possibilidades se expande ao redor dos ansiolíticos; eles precisam ser entendidos enquanto produtores de sensações e de relações com o outro e consigo mesmo.

[...] os homens são afetados de diferentes maneiras por um único e mesmo objeto, e sob essas condições, discrepam em natureza; e, finalmente, que um único e mesmo homem é afetado de diferentes maneiras relativamente a um mesmo objeto e, sob tal condição, ele é volúvel. (SPINOZA, 2010, p. 299)

A medida ética do encontro entre usuários e benzodiazepínicos só é possível a partir de uma compreensão dos efeitos existenciais do medicamento na vida dos sujeitos. A ética estaria relacionada às razões do uso do medicamento, isto é, no questionamento da utilização desse medicamento enquanto afirmação ou negação da potência de existir. Nesse sentido a afirmação da vida está em primeiro plano e ela precisa, como nos diz Spinoza (2010), perseverar.

Partimos de uma compreensão onde o encontro entre os corpos deve expandir a vida para horizontes mais fortalecedores. A alegria do encontro está relacionada à composição desses corpos, e, desse modo, caso não haja uma composição, mas uma decomposição (produção de afetos tristes), que diminuem o perseverar na vida, torna-se importante a análise dos efeitos desse encontro na vida do sujeito.

Quando um corpo “encontra” outro corpo, uma idéia, outra idéia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes. (DELEUZE, 2002, p. 25)

Em meio à dificuldade e à delicadeza de estabelecer critérios éticos no uso dessas substâncias, podemos afirmar que o medicamento pode ser considerado como uma ponte, uma passagem para modos mais potentes de afirmar a vida. Se sua função primeira é a de *cuidar*, esse cuidado não pode impedir o elevar-se a modos de viver mais potentes e afirmativos. A vida precisa pulsar, e para isso é preciso senti-la. Não há como prever ou

estabelecer critérios fixos de segurança quanto ao uso dessas substâncias, pois a ética desse encontro é singular e foge às normatizações moralizadoras. E como dito antes, não é possível saber de antemão quando e por quanto tempo a relação dos usuários com o benzodiazepínico terá função de expansão ou diminuição da potência de vida.

## **2.3 SAÚDE E AS DIFERENTES NORMAS DE VIDA**

As novas configurações sociais com relação ao uso de benzodiazepínicos, tornando-o parte dos hábitos da vida cotidiana, nos levam a pensar sobre a concepção de saúde que temos sustentado atualmente. O uso de benzodiazepínicos parece ter assumido um papel fundamental nos enfrentamentos das lutas corriqueiras com a suposta manutenção de uma vida saudável.

É possível analisarmos essas considerações a respeito do uso de psicofármacos, em especial dos benzodiazepínicos, a partir de estudos sobre o conceito de saúde desenvolvido por Canguilhem (2011). Segundo o autor, os seres humanos lutam espontaneamente contra aquilo que constitui um obstáculo à manutenção da vida, tomando como base as normas instituídas. Travamos uma batalha - não apenas biológica - para sobreviver às adversidades conjugadas no corpo perante um adoecimento, mas também uma luta frente às dificuldades colocadas pelo meio externo. Desse modo, a saúde estaria relacionada mais à possibilidade de lidar com as divergências impostas pelo meio, do que manter-se numa saúde estática, que seria manter-se em um estado de bem-estar, mas sujeito apenas às mesmas condições e situações. Mas para Canguilhem (2011, p.82) “a vida está longe de tal indiferença em relação às condições que lhe são impostas; a vida é polaridade”.

De acordo com Canguilhem (2011) a saúde em seu sentido adjetivado se refere à potencialidade e disposição de um indivíduo de reagir às doenças enquanto fato inerente ao processo vivente. Isto é, a saúde não é um estado do



ser que se apresenta de modo contínuo, pois isso seria uma saúde idealizada, que exclui a experiência da doença. “Estar com boa saúde é poder cair doente e se recuperar; é um luxo biológico” (CANGUILHEM, 2011, p. 140).

A vida é uma atividade normativa, isto é, a vida se faz constantemente na formulação de normas as quais seja possível adaptar-se. É possível dizer que o indivíduo é saudável não apenas quando está bem adaptado a um meio, mas quando consegue seguir novas normas de vida, adaptar-se a outras condições às quais está exposto, instaurando assim uma nova ordem, uma nova norma de vida.

A vida não é, portanto, para o ser vivo, uma dedução monótona, um movimento retilíneo; ela ignora a rigidez geométrica, ela é debate ou explicação com um meio em que há fugas, vazios, esquivamentos e resistências inesperadas (CANGUILHEM, 2011, p. 140)

Tomando como base as discussões propostas por Canguilhem (2011), o uso de benzodiazepínicos pode ser entendido como uma ponte de auxílio em momentos de fragilidade diante daquilo que nos acontece e que nos leva a um território mais seguro. Tanto as experiências disruptivas encontradas na vida e o conseqüente uso de medicamentos, podem ser compreendidos como experiências que nos atravessam e nos potencializam para a criação de novos horizontes. A estagnação num certo modo de ser impossibilita a criação de saídas, a criação de novas normas de vida: quando se escolhe sofrer eternamente ou se anestesiá-lo infinitamente. Os benzodiazepínicos podem ser entendidos enquanto uma das estratégias possíveis para lidar com alguns aspectos da vida. Isso significa dizer que ele não é, necessariamente, um território sobre o qual devemos nos aportar, mas uma ponte e caminho para outros territórios, para modos mais ampliados de lidar com a vida.

As experiências com relação ao uso de ansiolíticos podem direcionar para uma abertura de novas possibilidades de vida - um perseverar na vida - que remete a busca de uma saúde, a partir das discussões de Canguilhem. Do mesmo modo, essas experiências também se mostram estagnadoras, paralisadoras do

processo vivente. A ética spinozana consiste, portanto, em compreender a sutil diferença entre essas experiências.

## 2.4 BENÇÃODIAZEPÍNICOS: O NOVO ‘PÃO NOSSO DE CADA DIA’

Diante das conversas<sup>18</sup> realizadas no decorrer da pesquisa surgiram alguns pontos de discussão, ou mesmo pistas, sobre como podemos entender os modos de vida que estão em processo com relação ao uso de benzodiazepínicos no contemporâneo. Rastros que esclarecem e justificam a importância de estudos sobre os processos sociais e políticos envolvidos nessa temática.

Conforme relatos obtidos nas conversas com os profissionais e usuários de benzodiazepínicos, tais medicamentos ganharam nomenclaturas específicas: “bençãodiazepínicos” e “clonazepão”<sup>19</sup>. Entenderemos esses termos como *analísadores*<sup>20</sup> dos estilos atuais de viver referentes à problemática da psicofarmacologização social e do uso de ansiolíticos.

Os termos utilizados trazem em seu bojo a noção de que os benzodiazepínicos tornaram-se imprescindíveis para viver bem. Tornando parte do cotidiano, o

---

<sup>18</sup> Esse tópico é referente ao material escrito no *diário de campo*, instrumento utilizado no decorrer da pesquisa. O diário de campo resultou das anotações feitas em visitas realizadas em duas unidades de saúde dentro do município de Vitória-ES e em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Essas visitas não tiveram caráter oficial para coleta de dados, e sim um modo de aproximação do campo problemático. Em meio a essas visitas foi possível realizar encontros indispensáveis à pesquisa. Dados importantes surgiram nesses encontros e, portanto, se apresentam como disparadores para discussão geral do trabalho. A utilização do diário de campo funciona como estratégia para a produção de conhecimento, pois ele nos permite criar um espaço dentro da pesquisa, que, na maioria das vezes é desconsiderado. O diário de campo serve para incluir na pesquisa o que Lourau (1988) citado por Passos e Barros (2010) chamou de *fora-texto*. O fora-texto é a restituição das anotações do diário de campo para dentro do texto oficial. São anotações feitas na experiência do pesquisar que ocorrem na medida em que a pesquisa se desenrola. Escritos relativos às sensações experimentadas, às impressões do campo problemático.

<sup>19</sup> Entendemos o surgimento do termo ‘bençãodiazepínico’ e ‘clonazepão’ como de extrema importância para a compreensão do fenômeno da psicofarmacologização da vida, um analisador das práticas sociais que estão em curso na contemporaneidade. Tais expressões nos mostram a realidade atual no campo dos psicofármacos e das produções sociais e desejantes nesse contexto.

<sup>20</sup> Analisador, conceito formulado por Félix Guattari e pela Análise Institucional Francesa de Lourau. Entendemos por analisador todo fato, invisível até certo momento, que revela os modos de funcionamento instituídos.

novo 'pão nosso de cada dia' está lançado. Em suas diversas faces, as expressões 'bençãodiazepínicos' e 'clonazepão' apontam para uma dada compreensão sobre a importância do uso dessas substâncias no que diz respeito a essa terapêutica fornecedora de soluções provisórias para situações de tensão no decorrer da vida. Uma tecnologia médica, a qual também auxilia os profissionais no tratamento à população.

Entendemos essas expressões como uma moralização referente à utilização de medicamentos, fato que se opõe ao uso de drogas ilícitas. O *clonazepão* ou *bençãodiazepínicos* tornaram-se parte de discursos e de práticas vigentes, as quais separam o 'bom usuário' do 'mau usuário' de drogas.

À primeira vista existe uma cisão entre essas duas classes de substâncias, pois a linha que limita e diverge uma substância psicoativa lícita de uma ilícita deixou de ser tênue. As drogas estão associadas às práticas indevidas, forjando todo um discurso social-jurídico contra seu uso. Por outro lado estão os medicamentos, instituídos no campo da legalidade, visto como uma prática socialmente permitida, pois está associada ao cuidado a saúde. Em torno dessa concepção sobre drogas lícitas e ilícitas existe um jogo moralizador como precursor ao discurso médico e jurídico alinhado às práticas estatais e capitalistas, com interesses próprios. Desse modo, colocando em análise as práticas em torno do uso de benzodiazepínicos, cabe questionar os modos da produção de dependência química, o qual parece não ter o mesmo peso quando se trata de substâncias legalizadas no corpo social.

A moralização acontece por meio de práticas instituídas socialmente em defesa de certo modo de agir, prática essa que, neste caso, passa pela autorização das instituições médicas e científicas. Tais instituições assumem discursos considerados legítimos, ou seja, direcionam a produção de verdades sobre os modos corretos de viver. Após a validação de um determinado objeto no campo da legalidade, utilizar de tais meios torna-se não apenas um compromisso como também produz a sensação de 'fazer a coisa certa'.

De acordo com pesquisas realizadas nos Estados Unidos sobre medicamentos psiquiátricos (SCHLOSSER; HOFFER, 2012; JENKINS, 2012), esse jogo moralizador definidor de uma *droga boa* ou de uma *droga ruim* está relacionado aos interesses da indústria farmacêutica e das pesquisas científicas, assim como os interesses do Estado. Sabe-se que muitas vezes o princípio ativo da maioria dos psicofármacos coincide com as substâncias caracterizadas de uma droga ilícita, a exemplo da *heroína* e da *metadona*. Existe um continuum, de acordo com Montagne (1996) citado por Schlosser e Hoffer (2012), no uso das substâncias e sua distinção entre drogas e medicamentos é mediada pelo 'saber científico'. Bourgois (2000) citado por Schlosser e Hoffer (2012) também afirma essa diferença estabelecida entre a heroína e metadona ocorre para disciplinar os viciados em heroína por meio de divisões forçadas pela categoria moral no que tange a separação entre prazer e produtividade; legal e ilegal; medicamento e drogas. Nesse sentido, é preciso compreender as forças econômicas, culturais e políticas moldadoras da experiência de vida e o processo de produção e circulação dos psicofármacos em todo o mundo.

O jogo moralizador sobre o qual recai o uso de benzodiazepínicos aparece em alguns momentos da pesquisa<sup>21</sup>. O uso dos psicofármacos foi instituído no discurso e nas práticas sociais como algo positivo, ou, ao menos, permitido. Isso porque sua utilização é socialmente pertencente ao campo do lícito, se opondo à proibição das drogas ilícitas, como o crack, a cocaína, a maconha, etc. Sabe-se que todas as substâncias psicotrópicas afetam diretamente o funcionamento do cérebro e, como toda droga, tem o risco de produzir dependência química.

O intuito dessa discussão não diz respeito à defesa do uso de drogas ilícitas, mas questionar a camuflagem ocorrida no processo de legalização de outras drogas, as quais passam a ser consideradas medicamentosas. Sabemos da importância de levar em consideração os prejuízos das drogas ilícitas, as quais podem gerar na vida daqueles dos dependentes dela, mas é preciso ressaltar

---

<sup>21</sup> Falaremos novamente sobre a utilização de medicamentos e drogas ilícitas/lícitas em outros tópicos.

que toda e qualquer dependência química traz seus riscos, seja qual for a droga, e por isso, a moralização de tais substâncias precisa ser questionada.

## PEÇA III

### 3. ÉTICA DA EXISTÊNCIA E A ILEGALIDADE DAS ROTAS DE FUGA

Um novo ritmo de vida vem se configurando nas cidades. Vivenciamos modos de viver cada vez mais acelerados e fugazes, modos que atravessam as nossas relações cotidianas, independente do local onde habitamos. A vida moderna tem se mostrado sufocante e exaustiva, levando-nos à necessidade de novos ares, de invenções de dispositivos que dê a ela novas possibilidades.

De acordo com Guattari (1992) o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Isto é, estamos em meio a uma profusão de mudanças na subjetividade, sendo difícil encontrar um território onde se ‘aportar’, tamanha a velocidade que se processa nossos estilos de vida, nossos gostos, hábitos, etc. A desterritorialização excessiva nos leva a um sentimento comum, onde tudo ao nosso redor circula tão rapidamente, tornando-se obsoleto num curto período de tempo, criando a sensação de que tudo circula, quando na realidade tudo está petrificado, “um falso nomadismo, que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue” (GUATTARI, 1992, p.170).

Diante dos excessos que nos invadem, a vida se vê povoada de tarefas intermináveis, numa seqüência infinita. Carecemos de irrupções do inusitado, o qual insiste em se distanciar dos dias que se sucedem iguais. Dias cada vez mais acelerados e mais idênticos, sincronia e harmonia entorpecente, parecemos prolongar a vida num longo dia que nunca termina. Em meio a esse contexto, são impostas às subjetividades:

[...] a obrigação de reformatar-se rapidamente, antes mesmo que se tenha tido tempo de inteirar-se das sensações que a mudança suscita. Vive-se em estado de tensão permanente, à

beira da exasperação, o que faz com que as forças de invenção e de resistência sejam muito freqüentemente convocadas". (ROLNIK, 2004, p. 03)

Se por um lado estamos imersos num amontoado de tarefas e deveres, por outro, estamos presos à igualdade do mesmo. Dias cheios de novidades, mas novidades que não se diferenciam. O paradoxo do contemporâneo, afirmado por Guattari (1992), é que somos prisioneiro da mudança, da velocidade que traz a crescente sensação de mesmice. Tumultuada e ao mesmo tempo vazia, a vida insiste e resiste a essas andanças na contemporaneidade.

No filme *Medianeras*, há uma cidade superpovoada<sup>22</sup>. Milhões de habitantes, milhares de prédios, um sem-fim de desencontros. Uma multidão apressada atravessa as ruas construídas de concreto e automóveis. No desconforto diante do excesso, tudo parece transbordar e nada parece possível. À sua própria medida, cada habitante tenta ao máximo não enlouquecer em meio ao turbilhão de informações e estímulos presentes o tempo inteiro. Abstrair-se dos excessos de estímulos da cidade parece impossível: o barulho se faz presente, as sirenes, os alarmes, os outdoors, as placas luminosas. Um menino tenta andar de bicicleta na sacada minúscula de um apartamento minúsculo. Pessoas se cruzam e não se vêem. Um cachorro se suicida da janela do prédio. Um homem é atropelado por um veículo ao mesmo tempo em que uma mulher tem parada cardiorrespiratória na calçada. Esses fatos mobilizam os transeuntes, casos ocorridos simultaneamente, acontecimentos denunciatórios dos novos modos de vida que funcionam a todo vapor em tempos contemporâneos<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Esse momento do trabalho terá como intercessor o filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, 2011. Dirigido por Gustavo Taretto.

<sup>23</sup> Pretendemos criar um espaço de crítica e discussão dos modos de vida em vigência na contemporaneidade. Modos capitalistas de viver que tem se expandido e exigido cada vez mais força de trabalho e de vida da maioria das populações ao redor do mundo. Desse modo, levantamos uma discussão acerca dessas novas políticas de subjetivação e sobre como criar espaços de possibilidades, isto é, criação de possíveis para aquilo que parece saturado. Em outras palavras, tentaremos entender como é possível criar linhas de fuga em meio ao caos que se faz presente nas grandes profusões da vida moderna.

Falamos de uma cidade cercada de prédios, carros, pessoas, placas e ruas. Uma cidade com nome próprio, uma cidade como outra qualquer. Grande ou pequena, as experiências urbanas atuais levam a ritmos e hábitos semelhantes onde quer que se esteja. Cidades com poucas diferenças em relação a outras, moradores iguais em seu cansaço<sup>24</sup>.

Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. (CALVINO, 1990, p.118)

No aeroporto o personagem Martin se despede de sua namorada. Ela irá embora e ele pressente uma viagem sem volta. Martin tem medo de andar de avião. Martin tem medo da cidade. Ele não anda de ônibus, não anda de táxi e nem de metrô, tudo o assusta. Martin permanece trancado em seu apartamento por dias a fio, sentado diante do seu computador, que parece sua única conexão com o mundo, mesmo que virtual. O mundo atual se mostra grande demais, cheio demais, sufocante demais. “É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado” (ROLNIK, 1996, p.02).

Martin habita em um apartamento com pouquíssimos metros quadrados. Pouco espaço, poucas possibilidades. Mas ao mesmo tempo sua morada se torna esconderijo para as invasões vindas da cidade lá fora. Seu apartamento se confunde com a cidade. Muitos excessos ali dentro recheando um espaço superlotado de objetos que ele nunca se desfaz. Pilhas de livros, filmes e objetos decorativos. O cachorro herdado da namorada vai aos poucos se rendendo ao cansaço de viver em meio a tantas tralhas. O psiquiatra de Martin o recomenda a fazer passeios e encontrar a beleza oculta nesse amontoado de coisas que compõem a cidade. Martin compra uma máquina fotográfica e sai

---

<sup>24</sup> Essa discussão pretende elucidar alguns aspectos referentes aos modos de vida na contemporaneidade sem, contudo, minimizar as diferenças e peculiaridades existentes em cada lugar.



por aí à procura de belas imagens. Ao sair de casa leva consigo um quite de sobrevivência: Ipod com 8 mil músicas, agenda, preservativo, amoxicilina, rivotril em gotas, ibuprofeno, óculos de sol, capa de chuva, lanterna, pilhas, dinheiro, livro, documentos, manual de instrução para ocorrência de ataques de pânico, canetas, etc. Uma mochila pesada, com 5,8kg, acarretando dores fortes na coluna e o faz acreditar, por meio de uma busca virtual, em uma doença chamada discartrose. Um segundo médico tenta liberá-lo das paranóias do mundo moderno e lhe diz: “Nade, faça exercício, use uma mochila menos pesada. Você não tem nada de grave, nada mesmo. O que acontece é que esses laudos são feitos por jovens que, nos laboratórios e hospitais, só fazem isso. Eles escrevem tudo, sabe? Para se proteger”.

Martin foi se afastando da cidade e das pessoas. Ele diz ter medos, fobias. Nosso personagem está mergulhado no excesso que se expande, mas que não se diferencia. Em meio ao caos nada parece novo, nada parece trazer saídas para esses excessos, tamanha a velocidade como as coisas funcionam: uma sensação constante de se adequar às supostas novidades. Sua única possibilidade foi retirar-se, preservar a si mesmo em sua própria casa. Traçou uma linha imaginária, mas feita de concreto, entre seu mundo e o mundo lá fora que ameaça devorá-lo.

A vida em Raíssa não é feliz. Pelas ruas, as pessoas caminham retorcendo as mãos, imprecam às crianças que choram, encostam-se nos parapeitos do rio com a cabeça apoiada nas mãos, acordam de manhã com um pesadelo e logo começa outro. [...] Todavia, em Raíssa, sempre há uma criança que da janela sorri para um cão que pulou um alpendre para comer um pedaço de polenta que caiu das mãos de um pedreiro. (CALVINO, 1990, p. 134)

Ao lado do prédio de Martin, em outro prédio, mora Mariana. Eles não se conhecem, nunca se viram, mas já se cruzaram. Mariana é arquiteta e sofre porque, no paradoxo da sua profissão, não conseguiu construir nada que de fato fosse dela. Ela trabalha com vitrines e manequins. Não conseguiu construir prédios nem banheiros, do mesmo modo que não conseguiu construir uma relação amorosa, a qual ruiu após durar quatro anos. Mariana estoura bolhas de plástico para que ela mesma não estoure. Tudo ao seu redor a espanta e

Mariana está cansada da cidade e dos excessos que a invadem. Em seu apartamento há uma sacada que se confunde com janela e não possibilita a entrada do sol. Com pouca luz e poucas brechas, tudo parece ganhar tons de escuridão e cheiro de umidade. O endereço de Mariana? “Avenida Santa Fé, 1.183, oitavo andar, G, de gastrite”.

Um apartamento sufocante, escuro, pequeno, cheio de caixas, objetos impessoais, manequins, e no meio disso tudo está Mariana, que se confunde com a paisagem. Ela sente-se sozinha, mas não se sente vazia: ela está cheia de tudo isso, excedida pelo tumulto da cidade que, apesar de superlotada, não traz nenhuma esperança de mudança. Mariana conversa com seus manequins. Ela os veste nas vitrines, e em seu apartamento ela conversa com eles. Mariana se relaciona com os manequins, eles transam: “Não se iluda, foi só sexo” diz Mariana ao manequim.

Existe uma possibilidade para que Mariana e Martim se encontrem, mas algo precisa se romper antes desse encontro. Ambos estão estafados dos estilos de vida que eles mesmos escolhem, dia após dia. Eles compartilham coisas comuns, sentimentos e sensações. Os esbarrões pela cidade não são fortes o suficientes para que eles se vejam ou se sintam. ‘Onde está Wally?’ é o livro preferido de Mariana. Em uma cidade habitada pela multidão é preciso encontrá-lo. Foi com esse livro que Mariana passou a ter medo de multidões, de elevadores, da solidão. O novo paradoxo em que Martin e Mariana se encontram é a solidão. Como é possível sentir-se sozinho entre milhões de pessoas? O espaço entre um prédio e outro separa Martin de Mariana, e entre eles as medianeras, firme em sua concretude. Dois vizinhos, dois prédios, e a dureza do concreto que parece impenetrável.

As medianeiras são as paredes laterais dos prédios. Um espaço desperdiçado porque nada pode ser feito com ele. Propagandas são postas ali, o que tornam a cidade ainda mais tumultuada. Paredes inúteis vão se tornando a única possibilidade de escape a essa escuridão que atravessa apartamentos e vidas cansadas de si mesmas. Abrir pequenas janelas nas medianeiras é a rota de

fuga<sup>25</sup> encontrada pelos habitantes daquela cidade. São janelas ilegais, indevidas. “Ilegal, como toda rota de fuga”, diz Mariana.

Essas minúsculas janelas abertas permitem que raios de luz entrem e iluminem o apartamento e a vida dos seus moradores. Essa abertura na medianera admite um escape aos modos urbanizados de viver que tendem a tirar o fôlego, a energia. Janelas abertas ilegalmente, contudo não se tornam uma ilegalidade, e sim uma ética para com a existência que precisa perseverar. Há uma ilegalidade nas rotas de fuga, uma traição às normatizações sociais<sup>26</sup>. Uma linha que se irrompe para dar vazão à potência de vida. A ilegalidade moralizadora das janelas abertas nas medianeras é, ao mesmo tempo, a ética produtora de novos sentidos de existência. Uma rota de fuga, uma linha de ruptura, um perseverar da vida. A janela se destoa da sua função comum e devém liberdade.

Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe (CALVINO, 1990, p. 135).

Após aberta, as novas janelas formam uma linha entre o prédio de Martin e o de Mariana, que somente agora, através das janelas ilegais, conseguem enxergar um ao outro pela primeira vez. Tudo parece o mesmo, mas tudo mudou. Algo se desfez. A luz penetra apartamentos e vidas. O vento refresca e abre uma nova possibilidade de experimentação. Os prédios não são mais os mesmos, nossos personagens também não. Eles criaram para si um escape, sem, contudo, desfazer-se do que já estava presente.

---

<sup>25</sup> A rota de fuga da qual falamos se conecta à linha de fuga proposta por Deleuze e Guattari, sendo esta não apenas uma fuga por medo ou desistência, mas um fuga criativa, criada em conexão com o real. *Fugir, mas ao fugir, procurar uma arma* (p. 164). Nas palavras de Deleuze e Parnet a linha de fuga “é antes o facto e o direito do intempestivo: um tempo não medido, uma hecceidade como um vento que se levanta, uma meia-noite, um meio-dia” (DELEUZE e PARNET, 2004, p. 164)

<sup>26</sup> Para Deleuze e Parnet (1996) esse movimento de ruptura pode ser entendido enquanto uma potência de traição. Isto é, para lidar com movimentos de captura das redes institucionais que nos modulam, é preciso trair essas redes, esses emaranhados que recaem sobre nós. “É que trair é difícil, é criar. É preciso perder a identidade, o seu rosto. É preciso desaparecer, tornar-se desconhecido”. (DELEUZE e PARNET, 1996, p.60).

### 3.1 TEMPOS CONTEMPORÂNEOS: modos urbanos de viver

Estamos mergulhados numa época onde é preciso se conectar cada vez mais às tecnologias do mercado. São inúmeros os modelos de vida a seguir e em meio a tantas possibilidades acabamos por vivenciar uma desestabilização, uma fragilização da existência. Nessa constante desterritorialização experimentamos o que na atualidade se configurou em psicopatologias: Síndromes do Pânico, Transtorno do Estresse Pós-Traumático, Transtornos Depressivos, etc.

Quando vivemos atravessados pela velocidade talvez a melhor arma seja a desaceleração. O que seria diferente de uma imobilidade. [...] A transitoriedade das informações pode produzir letargia e a aceleração da velocidade pode produzir inércia. As sociedades contemporâneas são marcadas por um processo contínuo de aceleração onde as matérias de expressão tornam-se rapidamente obsoletas. Parece que o mundo transforma-se numa seqüência aleatória e infinita. Neste sentido, a pluralidade configura-se em intensidade e não em densidade. As muitas coisas que somos, que gostamos, que fazemos às vezes não chegam nem mesmo a assumir uma forma ou somente assumem formas padronizadas. O cotidiano transforma-se em uma coleção de tarefas sem cor, sem sabor e sem cheiro. Passageiros aflitos da próxima novidade, desliza-se incessantemente por tudo, repletos de informações e de um sentimento de vazio. (MACHADO, 1999, p.05)

A questão colocada nesse momento é: como romper com tais práticas, ou melhor, como criar linhas de fuga para lidar com os endurecimentos aos quais estamos expostos pelas redes instituídas socialmente? Como diminuir o peso dos fardos e abandonar o modo exaustivo de viver? Em resposta a isso, a vida nos convoca enquanto possibilidade de encontrar territórios que permitam a afirmação da vida. É preciso encontrar um arejar em meio àquilo que sufoca, isto é, estabelecer essa postura ética de criação de novos espaços e novos ritmos.

É nesse sentido, na busca de brechas para a exaustão, que se faz necessário dar passagem à potência criadora. Torna-se uma postura ética para com a vida inventar o que estamos chamando de rotas de fuga. Rotas potentes que

permitam o escape aos processos adoecedores de viver, escape às lutas cotidianas que minimizam a potência de existir no mundo.

Abrir frestas no caos e traçar planos de composição para dar visibilidade às sensações intensivas, para permitirmo-nos senti-las. Tornar a força insensível sensível. Corpos abertos às sensações singulares. Essa potência estética de sentir faz parte da criação do existente, faz parte da própria vida, ou melhor, ela faz parte da imanência de “uma vida”. (LAVRADOR, 2006, p. 39).

Diante de uma série de padrões a serem seguidos nesse processo de adequação social, são evidentes os sinais, ou mesmo sintomas surgidos em decorrência das produções sociais, características da época atual. *Ter uma vida saudável é estressante*, diz um dos personagens do filme *Medianeiras*. O personagem continua: “*saber tudo que é preciso fazer para viver mais é o pior que poderia nos acontecer*”.

O corpo, em seu limite físico demonstra cada vez mais o cansaço e a exaustão a ele submetidos. Os corpos não aguentam mais os modos urbanizados de viver os quais nos lançam o tempo inteiro num processo - vivenciado como crise - de ter que estar atentos e prontos para resolver tudo que nos é demandado. De um modo mais explícito, por meio da análise do personagem *Badii*, Domingues (2010) apresenta uma descrição sobre esse cansaço penetrado nos corpos em meio a essa profusão de sentimentos e sensações:

Então fatigado, ele quer dormir um sono profundo. Tudo o faz infeliz. Ele não quer prolongar essa infelicidade. Não quer esperar mais. Não agüenta mais. Ele quer dormir. Para sonhar? Ele quer morrer. Para matar essa forma de vida? Para fazer morrer essa exaustão? Para não ter mais que agüentar? (DOMINGUES, 2010, p. 71).

É desse corpo exaurido que essa pesquisa fala. De um corpo, ou de um modo de vida que diminui as possibilidades de um recomeço. O corpo, em suas limitações biológicas, demonstra sua recusa a essas formas urbanizadas de proceder, e ao estafar-se, diminui as possibilidades de expandir para novos horizontes. Mas em meio a essa profusão é necessário encontrar saídas possíveis. Entenderemos, portanto, a psicofarmacologização, em especial o

uso de ansiolíticos, como um dispositivo de sobrevivência encontrado no contemporâneo em tudo aquilo que o caracteriza.

O que é o corpo? É aquele que não agüenta mais. Como assim? O que será que o corpo não agüenta mais? O corpo não agüenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro. Por exemplo, o corpo não agüenta mais o adestramento civilizatório que por milênios se abateu sobre ele. (PELBART, 2008, p.62).

Poderíamos afirmar que a ocorrência da expansão do consumo de ansiolíticos ocorre juntamente ao aumento do número de adoecimentos relativos a esses modos de vida. Os mais comuns e conhecidos são os transtornos relacionados à ansiedade<sup>27</sup>. O DSM-IV nos oferece várias classificações específicas para esse tipo de adoecimento, mas muitas vezes exclui o processo de adoecimento a que estamos submetidos quando criamos para nós modos de vida extremamente tumultuados e exaustivos.

Impermeabilizamos os nossos corpos para tentar sentir um pouco menos. Ao anestesiarmos o corpo diminuimos nossa percepção e sensação, entramos numa linha tênue que nos separa dos fatos em meio às invenções ilusórias e provisórias criadas por essas tecnologias de mercado e saúde.

Nesse sentido, os efeitos dos ansiolíticos parecem fornecer uma espécie de sossego, um ponto de acalento tão caro e necessário diante das invasões que nos atinge. Somos invadidos por dentro e por fora, por cima e por baixo. Invasões de informações, invasões de obrigações e compromissos, invasões dos excessos de canais de tevê a cabo, do excesso de música disponível no mercado, do excesso de automóveis que circulam, do excesso de barulho que penetra os ouvidos. Criamos uma zona, mesmo que artificial, para proteger-nos dessas invasões. Nas palavras de Machado (1999) ao falar dessas subjetividades contemporâneas, ela diz:

A questão é que ansiamos a ordem e repudiamos o caos, a desestabilização de nossas certezas, de nossas verdades.

---

<sup>27</sup> A questão que analisamos aqui foge da costumeira identificação do adoecimento como sendo 'culpa' do sujeito que não se cuidou adequadamente, e deslocando o foco das análises para as novas produções sociais que mantém funcionando e retroalimentando tais estilos de vida.

Queremos um escudo protetor que nos afaste do desconhecido e, assim, nos faça manter uma mesma personalidade para o resto da vida (MACHADO, 1999, p.04).

O número excedente de medicamentos ansiolíticos consumidos em vários países no mundo revela muito além do que um cuidado à saúde, revela também uma nova roupagem ultrajada para nos proteger desses modos de vida enlouquecedores. Seguindo esse pensamento Pelbart (2008) lança a pergunta: O que poderia então sacudir-nos de tal estado de letargia, de lassidão, de esgotamento?

[...] seria preciso retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, na sua dor, no encontro com a exterioridade, na sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas. Seria preciso retomar o corpo na sua afetibilidade, no seu poder de afetar e ser afetado [...] um sujeito vivo era principalmente isso, um corpo que sofre de suas aflições, de seus encontros, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e de excitações, que lhe cabe selecionar, evitar, escolher, acolher. (PELBART, 2008, p.62.)

Para além de uma crítica a esses dispositivos invasores e diminutivos da nossa sensibilidade, precisamos compreender o paradoxo no qual estamos mergulhados. Enfrentam-se as lutas contemporâneas com armas também contemporâneas. Os modos capitalísticos de viver, ao mesmo tempo em que nos exaure, fornecem, por outro lado, o escape para esses modos de funcionamento social. Para um corpo cansado, um remédio relaxante e apaziguante. Ao assumir esses modos de vida fazemos funcionar toda uma lógica de poder que entra num círculo vicioso e embaraçoso, sendo cada vez mais difícil identificar onde começa um problema e onde termina o outro. Soluções rápidas e momentaneamente eficazes, mas que pouco nos coloca num ponto de mutação, num ponto de colapso com aquilo que nos coage.

## PEÇA IV

### 4. SOMOS QUASE FELIZES: “É quando a felicidade?”



28

Atualmente paira em nossas vidas uma angústia que não conseguimos decifrar muito bem. Não conseguimos entendê-la porque muitas vezes essa angústia parece indiscernível e, às vezes, ultrapassa o limiar de suportabilidade, seja na frequência com que se anuncia, seja na intensidade com que abala. Para lidar com tais ocorrências de uma dor cotidiana criamos estratégias para enfrentá-la. *Se para a dor há remédio, e se quem tem dor tem pressa*, como nos dizem os comerciais televisivos de analgésicos, entramos nos jogos de poderes,

---

<sup>28</sup> Imagem extraída da internet. Link de acesso: [http://www.lindoamor.net/site/2013/01/18/fotos-do-dia-331/size\\_590\\_corda\\_bamba/](http://www.lindoamor.net/site/2013/01/18/fotos-do-dia-331/size_590_corda_bamba/)



conforme anunciou Foucault há 40 anos, e fazemos funcionar essa lógica mercadológica das drogas e medicamentos ‘amortecedores’ da existência.

Dor e alegria, sofrimento e felicidade, é esse o pano de fundo sobre o qual agimos. Temos experimentado, por um lado, uma relação estreita com esses sentimentos e por outro, temos colocado todos eles em um lugar distante de alcançar, diminuindo cada vez mais a possibilidade de traduzir em palavras o que significaria tais sensações.

A personagem Madalena<sup>29</sup> numa incansável constatação sobre a vida e seu sentido, vai formulando e reformulando os sentimentos que lhe abatem. Cansada da própria vida, da mesmice que a cerca, da falta de amor que atravessa seus dias, ela chega a uma conclusão: ‘*sou quase feliz*’. Parecia entender que na vida não há espaço para alegria eterna. A vida se encarregava de colocá-la em situações disruptivas que estremeciam seus dias. Entre fatos cotidianos, era preciso se dar conta de que o sonho de uma felicidade arrebatadora era fantasia. Precisava, antes de qualquer coisa, entender como é que funciona esse movimento da vida. Esse vai e volta, esse leva e traz. Era isso a vida? Um sentimento bom que ora nos perpassa e ora se afasta? “Não sei por que, mas tenho a sensação de que isso não durará muito” (CARDOSO, 2003, p. 61). É preciso compreender a vida naquilo que Nietzsche chamou de um constante embate de forças, que ora diminui e ora aumenta, mas que nunca chega a um equilíbrio definitivo.

Cada momento da vida comporta infinitas possibilidades de desmanche do instituído (Dionísio) para criação de outras formas (Apolo), mais ou menos estáveis, mais ou menos expansivas da vida. Nesta perspectiva, a vida é avaliada ou apreciada em sua imanência (expansão e abundância) e não a partir de valores externos para explicá-la. (ANDRADE, 2010).

Madalena vai se dando conta de que a vida vai se preenchendo em dias, e num mesmo dia pode acontecer tanta coisa, ou nada. Sabia que a felicidade era algo quase doloroso. Quase doloroso porque sempre anunciava o por vir, a mesmice, o nada. “Somente uma dolorosa quietude, uma fria constatação de

---

<sup>29</sup> Madalena é personagem do romance *A luz no subsolo*, do escritor brasileiro Lúcio Cardoso. Essa obra teve sua primeira publicação em 1936, romance que inspira o título dessa pesquisa.

que a vida não foi constantemente feita para ser aproveitada” (CARDOSO, 2003, p.11).

O filósofo Nietzsche nos fornece luz para compreender os modos como o homem no contemporâneo tem experimentado a dor e o sofrimento. Segundo ele, o homem, para lidar com as adversidades terrenas, criou uma esperança de um mundo melhor, escondido alhures. Expectativa metafísica que afasta do plano real as possibilidades de enfrentamento para aquilo que a vida nos coloca cotidianamente. Em uma metáfora, Nietzsche nos convida a sermos fiéis a terra e não às estrelas. Com isso o autor nos convida a desmistificar a ideia de que a resolução para nossos medos está fora de nossas possibilidades. As estrelas seriam esse mundo ideal, que inventamos para amortecer e nos proteger dos abalos da vida: o adoecimento, a morte, o caos, etc.

Enfermos e moribundos, eram os que desprezavam o corpo e a terra e inventaram o céu e as gotas de sangue redentoras [...] e alimentavam, os ingratos, a ilusão de ter fugido do corpo e desta terra. (NIETZSCHE, 2006, p.58).

As esperanças ultraterrenas parecem apontar para a crença em ideais metafísicos, transcendentais, além das possibilidades. Nesse sentido, podemos entender o sofrimento como resultado de uma valorização do plano metafísico, assim como a felicidade.

Sufrimento e impotência, foi isso que criou todos os transmudanos; e, mais, a breve loucura da felicidade que só o grande sofredor experimenta (NIETZSCHE, 2006, p. 57).

Mundo transcendente e impossível. Lá foi depositada toda a felicidade. Como alcançá-la? Para Nietzsche o *além homem* é aquele deposita no próprio terreno, e não fora dele, as sementes da vida, e assim é preciso cultivar para obter frutos. Nietzsche chamou de ideais ascéticos as crenças que inventamos para conseguir enfrentar a vida em suas divergências. Mas segundo ele, ao criarmos tais ideais, que a princípio seria para nos proteger do absurdo que é a vida, criamos como conseqüência disso um sofrimento que perdura e que

atinge toda a nossa vida. A salvação para o mundo precisa estar no mundo e não fora dele. Para o ideal ascético “a terra é a estrela ascética por excelência, um canto de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda a vida” (NIETZSCHE, 2009, p.99).

Os ideais ascéticos são, portanto, os resultados daquilo que o homem mais teme: a própria vida. O homem tem horror ao vácuo, ao nada, à falta de metas. O homem, de acordo com Nietzsche (2009), precisa de um objetivo e por isso preferirá querer o nada, a nada querer. Os ideais ascéticos nascem de um ‘instinto’ de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual buscamos manter por todos os meios. (NIETZSCHE, 2009)

A felicidade e o sofrimento estariam vinculados a essa luta do homem em sobreviver à própria vida. Por isso que para Nietzsche uma vida ascética é uma contradição, seria “a vida contra a própria vida” (NIETZSCHE, 2009, p. 101). Isso significa dizer que ao colocarmos a vida em outro lugar, ao transferir as possibilidades de uma alegria existencial para um mundo transcendente, mergulhamos numa infinita insatisfação. Retiramos da vida a sua potência de existir. Nas palavras de Lavrador (2006):

Muitas vezes nos sentimos reféns de um mundo que não nos pertence. É como se vivêssemos uma vida que não é nossa em um mundo que não queremos. Nesses momentos, estamos despossados do mundo, não acreditamos mais nesse mundo. E esse mesmo movimento nos leva a achar que deveríamos viver em um outro mundo, viver em uma outra vida. Descolamos-nos desse mundo e depreciamos essa vida, pois produzimos um desprezo por nós mesmos e pelos outros ao nos separarmos das forças que acionam em nós movimentos de diferenciação (LAVRADOR, 2006, p.36).

Numa leitura a partir dos escritos nietzscheanos, podemos dizer que a dor e a alegria estão para o mundo terreno e imanente, assim como o sofrimento e a felicidade estão para o mundo transcendente.

Mas como um trabalho que tem como perspectiva o uso de ansiolíticos no contemporâneo pode se conectar com temas relacionados à felicidade e ao

sofrimento? Pode-se dizer a princípio, que estamos imersos numa rede de forças que não se conjuga solitária, sendo impossível trazer à cena uma determinada temática sem trazer junto dela outras problemáticas. Nesse sentido, os atuais modos de vida, atravessados por uma produção constante de dependência psicofarmacológica, nos lança em meio à discussão dos ideais em vigência na contemporaneidade para com a felicidade e o sofrimento.

Neste trabalho, a partir de concepções da Filosofia da Diferença, faz-se uma aposta de que a vida se faz entre idas e vindas, entre formas e forças. A vida é um mapa aberto, uma cartografia que, na linha do tempo vai se reformulando, se reconfigurando, se refazendo. Exposta ao acaso, ao inusitado, ao campo de forças das virtualidades, das novidades e do tempo, a vida se faz num movimento incessante. Experimentamos a vida de diversas maneiras, cada um a seu modo. Experimentamos a vida também em comum. Somos efeitos constantes daquilo que nos atravessa, daquilo que nos afeta. Vida produzida em conexão. A vida é a própria conexão. Pensar a vida como feita de categorias que se divergem é retirar dela toda sua potência de transformação.

Seguindo essa linha de pensamento, Deleuze (2004) nos fornece um olhar e uma escuta para os diálogos cotidianos sobre felicidade e sofrimento. Segundo o autor, somos protagonistas de uma vida onde tudo é pensado em categorias, em divisões binárias, e esse modo de pensar resulta em totalitarismos inaproximáveis. Não acreditamos na mistura, na miscigenação das diferenças. Uma espécie de assepsia se faz, sendo assim, tudo que diverge dos binarismos recai no domínio da anormalidade, da diferença.

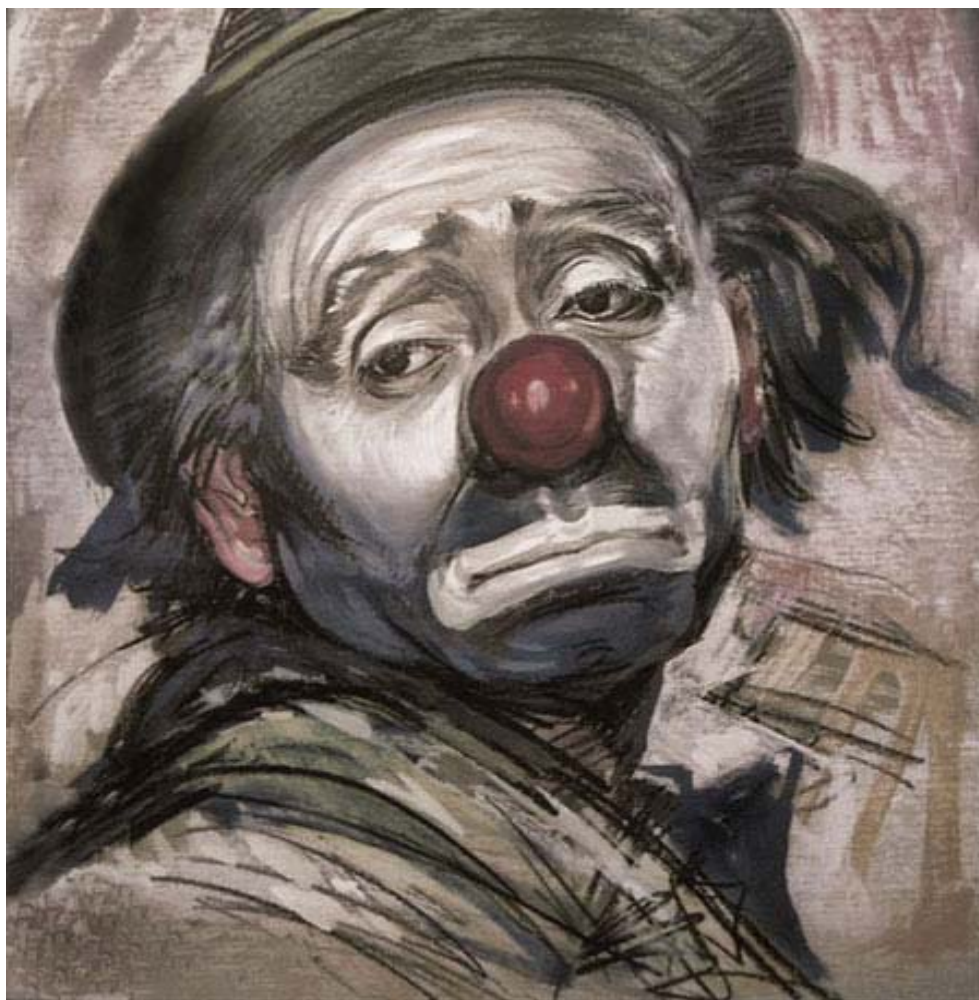
Temos experimentados habitualmente uma vida disciplinada e reta, com poucas bifurcações, com poucas possibilidades de condensação daquilo que diverge em nós e nos outros. Adoecemos quando não compreendemos a possibilidade de mudança, pois prezamos a igualdade e continuidade de um modo uníssono, que não sabe ser múltiplo. Não aprendemos o uso da conjunção *E*, sabemos apenas dizer *OU*. Ou somos uma coisa, ou somos outra. Como nos conectar em uma coisa e outra? Para Deleuze e Parnet (2004, p. 158) precisamos abrir brechas e nos conectar ao “fluxo de

desterritorialização que já não pertence nem a um nem a outro, mas constituem o devir assimétrico dos dois”.

Não é preciso descobrir se uma ideia é justa ou verdadeira. Seria necessário descobrir uma ideia inteiramente diferente, algures, num outro domínio, de tal modo que entre as duas algo passe, que não está nem numa nem noutra. Ora, esta outra ideia geralmente não a encontramos sozinhos, é necessário um acaso ou alguém que no-la dê. (DELEUZE e PARNET, 2004, p.20)

Nesse sentido necessitamos entender a vida a partir das forças que lhes são imanentes. Felicidade e sofrimento não são estados eternos, porém estados variáveis da vida, assim como alegria e tristeza, prazer e dor. Lapoujade (2002) nos convida novamente a pensar, seguindo o pensamento de Nietzsche e Spinoza, sobre o que consistiria então o sofrimento. Para o autor, precisaríamos perguntar “o que é o corpo que sofre?”. O sofrimento seria não um estado particular do corpo, mas a condição primeira do corpo. Sofrer significa se expor, entrar em contato. Vislumbrar o sofrimento enquanto a experiência de estar vivo, visto que somente um corpo vivo pode sofrer.

## 4.1 UM PALHAÇO QUE ORA RI, ORA CHORA!



O palhaço<sup>31</sup>, em sua vida aparentemente tranqüila, com poucos movimentos desestabilizadores está acostumado a fazer as pessoas rirem; se vê em crise existencial ao perceber que ser palhaço não faz mais sentido para ele, sendo assim, tornou-se um palhaço sem graça. *Eu ando meio sem graça, mas meu nome é Benjamin.* Em meio à dúvida que se instala em seus pensamentos, ele se vê cobrado pelos colegas do circo. Todos o convocam a fazer algo:  *você tem que trazer soluções para um circo falido, você tem que gostar do que faz, você tem que me dá um adiantamento salarial, você tem que comprar para mim um sutiã...* Diante de tais exigências, cansado da repetição e da igualdade

---

<sup>30</sup> Link de acesso para a imagem: <http://aspirinasurubus.blogspot.com.br/2011/05/homem-de-palha-ensaio-sobre-o-palhaco.html>

<sup>31</sup> Filme O Palhaço. Dirigido por Selton Mello e Paulo José, 2011, Brasil.

paradoxal a qual sua vida nômade está apregoada, o palhaço decide partir. De cidade em cidade, o palhaço se vê mergulhado no mesmo.

O personagem do palhaço convoca a pensar em uma conectividade com os desdobramentos desse trabalho. Desmistificar uma idéia apregoada em nossos pensamentos de que a felicidade deve ser o alvo de nossas vidas. Pensar o palhaço não como um estado do ser, mas um modo de se estar na vida: ora rir, ora chorar. Conectar-nos àquilo que a vida nos convoca o tempo inteiro: às oscilações, as variações, aos arranjos e rearranjos. A vida pulsa, ora forte, ora fraca. O palhaço, que ora ri, ora chora é a metáfora daquilo que não conseguimos lidar. Passamos a vida acreditando que precisamos ser palhaços de nós mesmos, viver em uma vida eternamente feliz. Como se mesclar nessas facetas? Como não se prender ao sofrimento de uma vida a qual nos exige maleabilidade, equilíbrio em corda bamba.

Vida instável e desequilibrante, mas que sempre nos fornece uma corda, uma linha que nos apóia. A questão colocada é: como se atentar não apenas ao desequilíbrio e ao medo de cair, e focar, numa perspectiva menos pessimista, na corda que, mesmo em desarmonia, nos possibilita essa passagem? Passagem não para uma vida estável como nos contos de fadas com finais felizes, mas passagem para uma vida compreendida em suas variações. Fazer as pazes com isso que ela nos convoca. Perceber a dor não como bloqueio ou como empecilho de ser feliz, mas como um convite, uma aceitação positiva da alegria em se conectar a isso que a vida é: morte e nascimento, dor e tranqüilidade.

Como encarnar um modo peculiar que nos arranque dessa expectativa de felicidade, mas que ao mesmo tempo nos coloque num determinado ponto de conforto com aquilo que nos perpassa? Tirar de cena um palhaço que crê na felicidade e no sorriso como modo único de ser, e entender que sorriso e alegria são variações da vida. Se acreditamos que a felicidade deve estar constantemente presente, como lidar com os momentos disruptivos da vida sem se revoltar contra ela? Ao passo em que acreditamos na felicidade como uma constante, deixamos de suportar com manejo certas reviravoltas e mudanças na trajetória de nossas vidas.

A imagem do palhaço nos reserva um paradoxo dos modos de vida assumidos na contemporaneidade. Adotamos uma perspectiva de que a vida tem como meta a felicidade, e é nessa perspectiva que traçamos nossas vidas. Ser feliz tornou-se um sonho. Modos de vida que, ao mesmo tempo em que nos oprime, exige de nós um sorriso. Revestimos-nos de adereços estéticos e materiais. Não suportamos transparecer nossas tristezas e amarguras. Sustentar a felicidade como uma constante em nossa vida tornou-se algo caro, custoso e adoecedor. Mas o palhaço se entristece e não sabemos o que fazer com um palhaço que perdeu sua 'essência', sua graça. *Se o gato toma leite, e o rato come queijo, o palhaço é alegre.* Destino invariável e aprisionante, torna-se cada vez mais difícil experimentar os diversos contornos acerca da vida e do seu desenrolar.

O que muitas vezes não se sabe é que a vida condensa as mais variadas forças e intensidades. A dor, a loucura e a morte coabitam nossa existência, e, mais do que isso, fazem parte dela, são elas também a própria vida em suas demonstrações. Quem nos inculcou a idéia de uma vida sã, calma e eternamente feliz? A questão do uso constante de ansiolíticos é: diferente dos demais medicamentos que visam interferir temporariamente no organismo, eles têm sido utilizados para aplacar situações que são intrínsecas à vida e diz dos abalos necessários e inevitáveis, e, portanto, são contínuos desde o momento em que nascemos. Uma espécie de pílula para aplacar a própria existência e suas possíveis conturbações.

O uso de ansiolíticos parece passar por esse caminho de silenciamento do corpo e de seu poder de afetar e ser afetado. O uso desses medicamentos gera um rebaixamento da consciência deixando o corpo sonolento, reduzindo o movimento corpóreo. O corpo pouco responde aos estímulos do meio, tornando-se apático, passivo. Um corpo reduzido em suas funções motoras é, necessariamente, um corpo indolor, anestesiado, desconectado de si e do mundo. Produz-se dessa forma uma anestesia dos sentidos, das afecções. O corpo fica submetido ao nada, ao relaxamento artificializado das sensações. Essa pele sem poros, esse corpo blindado que tentamos nos revestir.



Em seu trabalho sobre as novas políticas de subjetivação no contemporâneo, o sociólogo francês Alain Ehrenberg (1998) faz uma análise dos novos adoecimentos psíquicos relativos aos modos de vida na contemporaneidade. Em sua pesquisa a discussão tem como temática a depressão e Ehrenberg nos convida a pensar no cansaço vivenciado por nós. Temos experimentado, em tempos onde prevalece a cultura de consumo e de competitividade, uma cobrança excessiva sobre aquilo que precisamos ser. Há toda uma pressão para que alcancemos o sucesso, ou para que conquistemos os sonhos comuns a uma sociedade capitalista. Todo esse processo resulta naquilo que Ehrenberg (1998) chamou de *iniciativas individuais*. O mundo requer de nós iniciativas individualizadas e competências cada vez maiores. E nesse sentido, a depressão torna-se a doença da responsabilidade, tendo como pano fundo o sentimento de insuficiência, pois na exigência de tornar-se aquilo que se é, acabamos caindo num sentimento de profunda incompetência e insuficiência para darmos conta de nossas demandas sociais.

Em tempos onde é necessário estar sempre 'por dentro' das órbitas do mercado num constante processo de tornar-se cada vez melhor e mais competitivo, surge, do mesmo modo, um cansaço profundo. Nas palavras de Ehrenberg (1998), o cansaço de tornar-se a si mesmo. Somos o tempo inteiro impulsionados a nos tornar melhor do que a nós mesmos. Tal movimento diz respeito a uma lógica de funcionamento onde se acredita em um bem-estar generalizado que deve perpassar nossa vida constantemente.

Os medicamentos psicoestimulantes como os antidepressivos e os ansiolíticos, ambos atuando sobre o sistema nervoso central, modificam o funcionamento do cérebro, gerando uma confusão de sentidos sobre um certo estado de normalidade e cansaço, ou um estado de bom humor artificializado. A questão que Ehrenberg (1998) nos abre é a de entender como seria possível distinguir as peculiaridades entre as infelicidades cotidianas, comuns à vida ordinária, e o sofrimento patológico.

O que dizer a respeito de um palhaço cansado de ser a si mesmo, que procura alhures um novo território existencial, mais seguro e mais satisfatório? Saberíamos o palhaço que tem sido cada vez maior a experimentação de uma insatisfação para com a vida? E que tal insatisfação diz respeito aos modos de vida que temos criado para nós, onde nada permanece por muito tempo, tudo é provisório e fugaz? Como nos conectar a um território de modo afirmativo?

De acordo com Ehrenberg (1998), vivemos uma época onde não há mais referências, ou mesmo modelos a serem seguidos e afirmados. Diante da cobrança de ser a si mesmo, o homem se vê diante da necessidade de ser seu próprio guia. Somos homens sem guias. O tempo inteiro somos impelidos a decidir aquilo que é melhor para nós mesmos sob a custódia de receber a culpa diante de uma escolha considerada ruim. Precisamos construir nossa própria personalidade, decidir qual profissão seguir, ser o melhor profissional. Não há mais fronteiras entre o possível e o impossível. As referências se recobriram em nossa pele, e, neste contexto, nos tornamos os maiores responsáveis por nós mesmos.

Ainda seguindo o pensamento de Ehrenberg (1998), a individualidade se transformou e houve uma relativização daquilo que é proibido. Em vez das pessoas agirem segundo uma ordem exterior (pais, religião, Estado), agora elas devem apoiar-se nos seus recursos internos, recorrer às próprias competências pessoais. É nesse sentido que os distúrbios do humor e da ansiedade têm aumentado crescentemente, pois recaiu sobre cada um de nós a responsabilidade e a iniciativa sobre as próprias vidas.

Segundo Ehrenberg (1998) a depressão tem como marca a impotência diante da vida e por isso ela se expressa na tristeza e no cansaço profundo. Em continuação a essa análise, estamos cada vez mais sujeitos ao cansaço de ter que nos tornarmos nós mesmos. São tantas as possibilidades a serem inventadas e escolhidas que estamos caindo na sensação de que nada é possível. Isso porque a medida pessoal é feita pela capacidade de tomar iniciativas. Isto é, quando não se é capaz de decidir por si mesmo sobre sua

própria vida, mergulha-se no sentimento de incompetência e insuficiência, produzindo cada vez mais uma paralisia do pensamento e das ações.

Se cresce a noção de que ‘tudo é possível, basta querer’, o que fazer diante do impossível? O que fazer com os limites do corpo? Acreditamos na necessidade de estar sempre à altura do que nos é cobrado, e quando isso não ocorre, abre-se o vazio da impotência. Diante da insuficiência a qual experimentamos ao lançarmo-nos diante das grandes exigências do mundo, surge o pensamento de que é necessário ergue-se sobre si mesmo. Acreditamos num ‘si mesmo’, num ‘eu’ interior ao qual devemos recorrer para que possamos nos livrar dos próprios males.

Bock (1999) em sua tese sobre o Barão de Munchhausen<sup>32</sup> nos lança em meio à discussão de um dado momento histórico, afirmado pelas ciências psicológicas, em que desacreditamos das forças do fora, para debruçarmos sobre nós mesmos, num processo que a Psicologia afirma de ‘auto-conhecimento’. Tornamo-nos sujeitos enigmáticos, ou sujeitos da esfinge, a serem decifrados. Somos, nas palavras de Ehrenberg (1998), sujeitos sem o lado de fora, desapossados do mundo que nos circunda e responsável por nós mesmos. Estamos diante de um ‘si mesmo’, onde nunca temos o suficiente, e diante de uma exigência de ação para a qual nunca responderemos à altura.

---

<sup>32</sup> Barão de Munchhasen foi um alemão conhecido por suas histórias fantásticas as quais foram narradas no livro ‘As aventuras do Barão de Munchhasen’, publicado por Rudolf Erick Raspe em 1785. Entre fantasias e realidades, sua história é conhecida por fugas impossíveis, a exemplo de ter conseguido salvar a si mesmo do pântano puxando os próprios cabelos.

## PEÇA V

### 5. A DIMENSÃO CINEMATOGRAFICA DA ENTREVISTA: uma proposta metodológica

Deleuze e Guattari (1995) já diziam que não se deve buscar o significado ou o significante de um livro. É preciso compreender suas conexões, seus agenciamentos e assim entender *com* o que ele funciona, *o que* ele faz funcionar. Entender os movimentos que a potência da escrita gera no encontro com outros corpos. Não cabe, portanto, procurar interpretações que dê sentido ao livro por si mesmo, mas fazê-lo se conectar com aquilo que sirva. No nosso caso, para criar um corpo-pesquisa foi preciso estabelecer algumas conexões, alguns agenciamentos. Conectamos a pesquisa com forças heterogêneas e plurais, as quais abriram um espaço para a presente discussão.

Agenciamos um encontro com as máquinas: cinema e entrevista. Ambos tornaram-se intercessores<sup>33</sup> do campo problemático proposto, a saber: o uso de ansiolíticos no contemporâneo. Entendemos o cinema e a entrevista como produtores de sentidos dos processos de subjetivação em voga na atualidade, e fizemos deles os condutores do material produzido neste trabalho.

E por que escolhemos o cinema e a entrevista? Para que fosse possível dar passagem às novas produções de sensibilidades no contemporâneo. Escolhemos o cinema e a entrevista como instrumentos que abrem a possibilidade para que algumas histórias, soltas pela vida a fora, sejam contadas aqui. Cinema e entrevista se encontram para *dar língua aos afetos*<sup>34</sup> narrados pelas bordas da cidade.

---

<sup>33</sup> Intercessor é um conceito formulado por Gilles Deleuze (2010) e pode ser encontrado no livro *Conversações*. Entendemos como intercessor todo elemento que se torna indispensável na composição de uma idéia que ensinamos afirmar.

<sup>34</sup> Termo utilizado por Suely Rolnik (2011) a respeito da postura do cartógrafo diante do acompanhamento dos processos de subjetivação relativos à pesquisa.

O cinema nos conta uma história, nos faz ver, nos faz falar, nos faz sentir, nos faz ouvir. Ele desperta um campo enorme de sensações, as quais experimentamos de diversas maneiras. O cinema possui uma dimensão virtual que o circunda e o caracteriza, mas não diz respeito apenas a ele mesmo. Uma dimensão que o atravessa na composição e no transbordar do seu próprio limite.

O transbordar da experiência cinematográfica é entendido enquanto um campo de experiência de uma dimensão infinita. É, portanto, nessa dimensão cinematográfica que essa pesquisa aposta enquanto recurso ou mesmo ferramenta de trabalho. A dimensão cinematográfica é o plano sobre o qual nos ateremos para produzir o corpo deste trabalho. Nesse sentido, o cinema será não apenas um interlocutor, como também um propulsor para criação daquilo que chamaremos de método, ou, caminho da pesquisa.

Entendemos que, assim como o cinema, as entrevistas possuem essa dimensão cinematográfica, pois, do mesmo modo, o processo de entrevistar também nos faz ver, nos faz sentir, nos faz ouvir, nos faz falar. A experiência de entrevistar se aproxima à do cinema, possibilitando o acesso a um material para além do auditivo, mas visual e sensitivo. A entrevista se desdobra da sua função primeira - pergunta e resposta - e se agencia à dimensão-cinema que lhe compõe virtualmente.

Na experiência da entrevista cenas parecem desfilar diante de nós, nos fazendo ver todo o ato de narrar. Uma espécie de filme, com personagens, cenário, imagens e sons. A história é construída na medida em que é contada. Desse modo, o cinema e a entrevista são máquinas de contar histórias. Ambos possuem essa dimensão imagética perpassada num espaço atemporal e invisível e ocorrida entre quem conta e quem escuta. Por isso seria inconcebível contar novamente a mesma história, remontar a mesma entrevista, pois essa dimensão cinematográfica gerada no processo de entrevista nos escapa. Sensação ocorrida, por exemplo, no momento da transcrição de entrevistas, pois o tempo inteiro lida-se com a sensação de que a entrevista não foi transcrita completamente, dada a potência do encontro real,

impossível de transcrever. Do mesmo modo o filme, que visto em momentos distintos da vida, nos lança em experiências diversas, tendo a sensação que, ao vermos um filme pela segunda vez, ele parece outro.

Para tanto, estabelecemos com a entrevista outra relação, para extrair dela seu potencial cinematográfico. Foi preciso rachar a entrevista e atribuir-lhe algo novo. Entender o dispositivo entrevista em sua potência, divergindo-a e tornando-a outra coisa. A entrevista comporta todas as possibilidades com as quais ela pode ser inventada e agenciada. Ela pode mais do que apenas coletar dados. A entrevista pode produzir novos sentidos, imagens, sons, movimentos.

Na experiência da entrevista a boca do entrevistado deixa de ser uma boca que apenas fala e se torna um órgão contador de histórias, de cenas. Não só palavras, mas sensações e imagens fluem de dentro da boca. Do mesmo modo os olhos do entrevistador. Os olhos ficam mais conectados à narrativa do que os ouvidos. Uma mistura de funções se faz, algo se irrompe e surge daí um *corpo sem órgãos*<sup>35</sup> e algumas histórias-vivas. Não é mais a boca que fala, a orelha que escuta, nem olhos que vêem. Ocorre uma transmutação, alguns desvios dos sentidos. Entre-vista, entre-sentido, entre-escuta, entre-falar: tudo isso comporta uma entrevista. Se você fala e eu vejo (não apenas escuto), o que é ativado em nós em uma entrevista? O fenômeno da entrevista e do cinema nos convocam a uma experiência de intercâmbio de sentidos e sensações. Uma verdadeira sensibilização do corpo para novos encontros.

Tal prática está relacionada ao Corpo sem Órgãos, ao conjunto de práticas que derivam da imprescindibilidade de criação de novos territórios, de atribuir novos sentidos ao que tornou-se fixo. A questão que o CsO nos remete é sobre como descolarmos de modos de subjetivação que nos fixam numa realidade instituída. Para isso foi necessário desfazer-se das interpretações que nos enquadram e lançarmo-nos a outros territórios, a experimentações que

---

<sup>35</sup> Corpo sem Órgãos (CsO), termo explicado por Deleuze e Guattari (1996) 'não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas' (p.09). 'O CsO se opõe ao organismo, à organização orgânica dos órgãos' (p. 21). Isto é, o CsO nos remete à desconstrução de modos fixos de funcionamento e a criação e atribuição de novos sentidos àquilo que já está dado, capturado pela fixidez.

divergem da repetição, das linhas duras. Criar novos planos de existência, ou seja, dar novas funções ao organismo, aos órgãos. Desfazer-se e reinventar-se.

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, território e desterritorializações medidas à maneira de agrimensor. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.22).

Seja diante do entrevistado ou diante da tela do cinema vê-se uma história sendo contada, as imagens nos saltam aos olhos, aos ouvidos, à memória. A entrevista em sua dimensão cinematográfica nos faz ver as histórias que são contadas, as cenas surgem, constrói-se um desenho, uma cartografia da história de vida narrada. Desperta, do mesmo modo, seja a entrevista ou o cinema, os nossos sentidos. Ao ouvir e ver a história nos envolvemos, visualizamos a cena. Fazemos pequenas expressões com o rosto, os olhos lacrimejam ou mesmo um pequeno sorriso surge no canto da boca.

Este corpo-pesquisa é resultante desses agenciamentos: cinema, entrevista, campo problemático. E, como diz Deleuze e Guattari (1995), o agenciamento é esse expandir-se das dimensões numa multiplicidade que muda de natureza na medida em que aumenta suas conexões. Linhas heterogêneas que se entrecruzam na composição de um texto. É preciso, portanto, destoar o sentido, as funções, fazer invenções com aquilo que já está dado e saturado. Não seria isso um modo de afirmar a vida em sua potência de existir?

Um mundo-próprio se forma a partir do encontro. Não como uma mistura de individualidades ou como uma unidade de conjunto, mas como o surgimento de uma partitura inédita que ultrapassa o constituído num movimento paradoxal de virtualização e atualização. (ARAGON, 2007, p. 56)

O cinema e a entrevista não são a mesma coisa, é certo! São realidades distintas, marcadas por situações outras. Esboçamos aqui a dimensão que circunda a experiência de um encontro e que transborda a própria experiência desse encontro. O corpo se afeta de diferentes modos e vibra por diferentes razões. O invisível da conversa, o invisível do encontro é algo que se *passa entre*. A dupla-captura relativa ao devir do qual nos fala Deleuze e Parnet: “algo

que está entre as duas, fora de ambas, e que corre noutra direção (2004, p. 17)”. Ou mesmo a evolução a-paralela de Rémy Chauvin citado por Deleuze e Guattari (1995), onde, a partir de um encontro, cada uma das partes se afasta carregando marcas desse roçar de corpos, e transmitindo isso em novos encontros.

Não há intenção de fundir entrevista e cinema, apagando suas diferenças. Ao contrário, criaremos uma tensão no encontro entre eles para que daí surja algo novo, inesperado. Nesse sentido, tais dispositivos funcionam enquanto produtores de sensações, que dão ao corpo uma nova vibratibilidade.



## 5.1 CENAS DA VIDA: como operar novas conexões.

As cenas que se seguem foram produzidas a partir de entrevistas realizadas com dois participantes da pesquisa.

Então chega o momento no qual nos propomos a escrever sobre uma vida que não a nossa. Seja por uma obrigação, por uma encomenda, por um desejo, por uma exigência qualquer. Seja por um fetiche, por uma pequena ou grande curiosidade, por uma pulga atrás da orelha. Que seja. Os motivos pelos quais nos tornamos biógrafos são inúmeros e muito pouco interessante aos nossos futuros leitores. Esses quererão devorar a vida sobre a qual escrevemos. Nós não somos apetitosos. (COSTA, 2010, p. 48).

A construção de tais cenas teve como inspiração a *dimensão cinematográfica da entrevista*, discutido anteriormente. Desse modo, as crônicas foram articuladas não apenas a partir da escuta, como também das imagens e das sensações experimentadas no processo de cada entrevista. Compreendemos que tal postura metodológica, assume a perspectiva de que uma entrevista comporta uma gama imensa de experimentações, e, portanto, é importante nos apropriarmos ao máximo de todo o potencial que dela decorre.

As histórias contadas foram reescritas, sem, contudo, se desfazer do conteúdo das falas. Do mesmo modo que o cinema surge enquanto intercessor da pesquisa, utilizamos as entrevistas enquanto produtoras de imagens e sensações. Nesse sentido, a escrita das cenas perpassa a experimentação da escuta, da visualização imagética e das sensações vividas durante o narrar dos fatos.

As cenas retratam individualmente a história de dois entrevistados de modo a trazer não apenas um discurso puramente descritivo das sensações por eles vividas, mas também a escrita das imagens que as conversas nos remetem. As entrevistas foram transcritas e lidas cautelosamente para que cada aspecto da cena fizesse valer os relatos dos participantes. Desse modo, foi acrescentado ao conteúdo das cenas apenas aspectos relativos às análises teóricas que este trabalho tem como base. A transposição das entrevistas transcritas em cenas

sofreu intervenção do tempo verbal da fala, da cronologia do curso da entrevista e da estrutura do texto. A cronologia da entrevista passou por adaptações para que assuntos comuns aparecessem num mesmo momento, dando maior fluidez para a produção da cena.

Então escolhemos uma vida, julgamos que nela algo pode soar interessante. Talvez pelo fato de que, nela, vemos um talento ou a falta de. Talvez pelos seus grandes feitos, ou por ela quase nada ter feito. Talvez porque tenha nos oferecido um grande acontecimento, ou uma longa história de crepúsculos. Talvez porque tenha tido uma carreira brilhante, ou uma vida de sempre quase. Talvez porque fora desde sempre uma estrela, ou porque não tenha passado de uma existência de rodapé. O certo é que nos propomos a dizer algo dessa vida que escolhemos, a grafá-la, a fazer dela uma biografia. (COSTA, 2010, p. 49).

Atribuímos o nome 'personagem' para nos referirmos ao próprio participante no decurso do texto. A escolha desse termo está interligada à própria dimensão cinematográfica da cena. Seja a cena de um filme, seja a cena que surge na entrevista, todos são personagens vivos que dão vida a esse modo de produzir pesquisa.

A escolha da criação de cenas como recurso para analisar os relatos dos participantes é feita com o intuito de tornar clara a proposta metodológica que essa pesquisa se propõe, que é mostrar a semelhança entre o dispositivo cinema e o dispositivo entrevista. Como dito antes, entendemos que cada um desses dispositivos possui suas peculiaridades, mas nesse momento, cabe ressaltar a função criadora de imagens, de produção das cenas narradas, seja pelo entrevistado, seja pelo elenco de um filme.

Faremos, portanto, a criação daquilo que propomos enquanto metodologia: ativar o caráter cinematográfico da entrevista, deixando que as cenas saltem aos olhos, capturá-las de algum modo e colocá-las em palavras, criando uma história a partir das imagens surgidas no decorrer da entrevista. A dimensão cinematográfica da entrevista resulta do próprio processo de entrevistar.

Esperamos que a leitura das cenas acione no leitor o caráter imagético do texto, tal qual a experiência vivida nas entrevistas. Acreditamos que a relação

que estabelecemos com as imagens oriundas do texto possibilita um salto na compreensão do mesmo. Isto é, não somente o texto escrito como também a conexão com as imagens que dele se faz, produz uma outra tomada de concepção sobre a escrita. O encontro entre as palavras e as imagens cria um novo campo de compreensão inatingível se tratássemos apenas de palavras destituídas de imagens.

## **5.2 CENA I: UMA VIDA EM CORDA BAMBÁ!**

Nossa personagem não consegue parar, seu fluxo parece ininterrupto. Seu ritmo acelerado dispara o coração, que palpita ansiosamente. Nossa personagem não consegue dormir, e na cama seus pensamentos não cessam. Ansiedade e insônia são sintomas de um corpo que não consegue parar, um corpo que não agüenta mais se expor aos excessos que o atravessam e o compõe. A personagem diz freqüentemente: eu não consigo, eu não consigo, eu não consigo. Ela não consegue controlar o sono, ela não consegue parar, ela não consegue dormir. Sua imagem, a imagem que se configura e se levanta diante dos olhos é a de um hamster. É assim que ela se vê, como um animal que nunca cessa de se movimentar. Bichinho miúdo, esperto, ágil e incansável. Sua tristeza? Fazer girar a roldana e se deparar sempre no mesmo lugar, sempre na mesma gaiola. Então nossa personagem se cansa, e pára, e diz: “eu não consigo”.

O que será que nossa personagem não consegue? Ela não consegue se deixar normatizar, docilizar, ficar aprisionada. Nossa personagem quer ser livre, ela tentou ser livre, mas não permitiram. Ela resistiu, mas como um disco que se arranha, ela agora diz: ‘eu não consigo’. Escolheu estar acordada durante a noite ao invés do dia, escolheu não ter hora para dormir, para acordar, para comer. Escolheu seguir seu próprio fluxo, seu próprio corpo, se deixar levar pela vontade na medida em que surgia.

Começou a tomar rivotril diariamente. Ela começou a tomá-lo por acaso, era dado por uma amiga. Nossa personagem se automeDICAVA, esperava que alguns miligramas de medicamento fossem suficientes para desacelerar, diminuir a intensidade da vida. Depois de anos tomando benzodiazepínicos, é nítido as mudanças que se fizeram. Sua voz ficou pastosa, seu piscar de olhos lentos, gestos involuntários. Ela parece querer dormir a todo instante, parece que vai 'desligar' a qualquer momento. Definitivamente seu ritmo mudou. Sua velocidade é outra. Suas noites de trabalho sem dormir, sua intensa atividade foi diminuindo. Passou de uma mulher ativa, para uma mulher mais lenta. Mudado o fluxo da vida, ela enumera várias razões para que hoje ela se encontre no ritmo oposto ao habitual.

Nossa personagem não suporta as regras, as ordens, os dizeres. Ela quer para si a autonomia de escolher por onde ir e para onde ir. Assumiu o desejo de não ter filhos, de não se casar, de morar sozinha, de não ter animais de estimação. E em meio a tantas desvinculações, numa sociedade em que se preza por vínculos, por instituições, por boas condutas, nossa personagem se perdeu e adoeceu. Algo muito forte a atravessou. Ela diz andar na contramão da sociedade. As forças que a atravessam a arrebatam, a tiram do centro, são forças exteriores que a fazem mudar de direção e refazer suas escolhas. Cansada de resistir, e decidindo ceder aos pedidos, ela abandona seu modo de vida. Em seguida ela começa a ter sintomas da Síndrome do Pânico, posteriormente recebe o diagnóstico psiquiátrico. Agora o uso do rivotril é legitimado.

Nossa personagem mora na cidade e experimenta modos urbanos de viver. Anda de ônibus de um lado a outro. Em pouco tempo ela foi assaltada quatro vezes, e armas foram apontadas para sua face. Impotente diante da vida, ela não suporta mais os excessos que a invadem, que a assaltam. Assaltos à mão armada, assaltos do seu estilo de vida, não apenas quando lhe roubam dinheiro e jóias, mas quando lhe roubam o direito de escolher ser garota de programa, de não ser mãe de família, de não ser igual a todos nessa massa uniforme.

Interrompe o uso de bebida alcoólica, e pessoas a direcionam a um grupo de recuperação e auto-ajuda. Em troca do álcool, alguns miligramas de rivotril diário. Troca que ela considera injusta.

Quando eu procurei tratamento para o alcoolismo, a primeira coisa que o psiquiatra fez foi me entupir de remédio, que não ajudaram em nada, né? Só pioraram a situação. Eu tomava o remédio e continuava bebendo. Ai eu sempre dizia para o doutor: 'eu não quero trocar um vício por outro'.

Uma vida agitada, cheia de desejos e escolhas. De um ritmo frenético e vital, nossa personagem entra numa linha de mortificação, de despotencialização da vida, de paralisia. Aos poucos ela vai perdendo suas conexões com o mundo, com a cidade. Ela abandona o emprego na noite, fica desempregada. Ela abandona o namorado que lhe foi imposto como tentativa de não se deprimir, perde o peixe no aquário, e perde também a companheira de apartamento. Ter um namorado, um peixe e uma companheira de apartamento, foram instruções dadas para que ela se conectasse à vida de algum modo. Mas tudo isso passou. O chão se abriu, o território se desfez e ela sente que não pertence mais a esse mundo, que o seu mundo lhe foi roubado, capturado. Corpo em queda livre, corpo solto em mar aberto, ela perdeu a direção, se desconectou.

[Eu] saía na rua e parecia que eu não fazia parte de nada. Era tudo muito surreal. Era totalmente surreal, ficava na rua, estava na rua, mas não me sentia parte daquilo. Eu ficava em casa, olhava de um lado para o outro, mas não me sentia parte. Parece que as coisas que eu ouvia passavam direto.

Uma outra imagem salta aos olhos de nossa personagem, imagem que explica o que ela sente em seu corpo. Ela se vê numa queda sem fim, caindo de um precipício, o Grand Canyon talvez.

Sempre comento com o doutor que me sinto numa corda bamba, num precipício. Uma corda bamba no Grand Canyon, atravessando o Grand Canyon numa corda bamba. Se eu cair, vou cair de uma vez. É uma queda sem fim. Como num posso sem fundo, eu vou caindo, caindo.

Um sonho! As viagens que realizou à Europa, por todo o Brasil. Acordar desse sonho é lidar com a realidade que lhe cai como um raio e a despedaça. Sonhos realizados junto a homens que conheceu na noite. Homens que cuidavam da nossa personagem, que a serviam, que viam em seus olhos o brilho de uma mulher. Ceder aos pedidos de abandono da prostituição foi encarar a realidade. Decidiu namorar um homem que só queria sexo, que não a respeitava, que a maltratava. O mergulho nesse paradoxo que a vida lhe impôs a fez cair, ou melhor, a fez acordar do sonho. “É como se fosse um sonho distante, é como se eu tivesse sonhado e acordei”.

Acordar desse sonho a faz perder a vontade para vida. Suas apostas nos direcionamentos que lhe foram dados deram cabo ao seu perseverar na vida. Nossa personagem vem se esforçando para não desistir. Abriu mão do seu trabalho na noite, abriu mão da desorganização dos horários para realizar suas atividades, abriu mão da bebida alcoólica, e quis, conforme suas próprias conclusões, ‘seguir na linha’, como toda mulher. Resultado disso foi a decepção. Foi a frustração com a realidade da qual ela nunca concordou nem nunca quis participar. Por isso acordar do sonho lhe custou a própria saúde?

Seu grande paradoxo foi exatamente o de, mesmo optando por fazer o que parecia certo aos olhos da maioria, ter descoberto que certos modos de ser só trazem infelicidade. As burocracias para conseguir um trabalho formal e a impotência diante do desemprego, as lutas cotidianas para suportar um relacionamento monogâmico, a luta para ser igual a todos.

Então nossa personagem se cansa. São essas as suas palavras. Seu corpo exausto busca outro modo de viver. Nos dias que parecem infinitos, ela tenta minimizar a dor através do encurtamento do tempo: toma dois comprimidos de rivotril para que o tempo passe mais rapidamente. Medicada, o tempo vai perdendo o peso habitual das horas que se arrastam lentamente. Em meio a isso, nossa personagem vai percebendo que já faz algum tempo que 2 comprimidos já não são suficientes para dormir.

O organismo já acostumou com a medicação. No começo eu dormia de 12 a 15 horas por dia. Agora não. Agora geralmente são 5 ou 6 horas. Aí já acordo e vou mexer com alguma coisa.

A vida de nossa personagem vai se construindo num turbilhão de fatos, o que envolve vários problemas familiares e problemas de saúde. Seu pai ficou internado durante 3 meses num hospital psiquiátrico. Internação que deixou marcas até hoje. Seu irmão também desencadeou uma síndrome do pânico em decorrência dos excessos de atividades que desenvolve: faculdade, trabalho, filhos, esposa, despesas. Um segundo irmão, tornou-se alcoolista e teve um surto psicótico após encontrar o corpo de sua mãe morta com uma parada cardíaca. Em outro momento, um primo de nossa personagem se suicida e outro primo mata o próprio irmão.

Diante de todos esses fatos nossa personagem vai chegando à exaustão. Ela se sente sozinha, desconectada do mundo.

Eu ficava em casa, olhava de um lado para o outro, mas não me sentia parte. Parece que as coisas que eu ouvia passavam direto. Não assimilava as informações e ficava ali. Ai comece a tomar a medicação direitinho, né?

Assim, esse mesmo medicamento que ora parece trazer certa anestesia e distanciamento da vida, também traz em outros momentos a conectividade necessária com a vida. Um medicamento que faz sentir menos, quando a vida faz sentir muito. Uma substância que parece regular a vida em doses mais tênues de dor. Diminui as ansiedades para que a vida também seja possível de se viver. O paradoxo que nossa personagem encontra é que tal substância também a leva para uma insensibilidade. Uma diminuição da força vital para continuar resistindo aos movimentos da vida.

Sem a medicação é tudo surreal. É como se eu estivesse observando as coisas, eu estivesse ali, mas não fizesse parte dali. Por exemplo: eu estou em pé no ponto de ônibus, esperando o ônibus, eu sei que vou pegar o ônibus, mas aquelas pessoas, eu não percebo elas, não vejo elas, não sinto elas. Sem a medicação eu não sinto a natureza. É como olhar uma coisa e não ver que aquilo é palpável.

Com tudo isso, nossa personagem abandonou o emprego na noite para uma vida que se aproximasse da normalidade. Hoje, desempregada, ela tenta de vários modos construir seu próprio negócio e tornar-se artesã. A arte feita com as próprias mãos, em linhas de crochê, vai se transformando em peças maravilhosas. A arte a acompanha deste cedo, e essa atividade, que muito lhe apetece, parece ser uma conexão com a vida, a potência de existir. As tentativas de atuar como artesã são dificultadas pelas burocracias. Essa situação a lança no desespero de estar desempregada, sem dinheiro para comprar alimento. Vive da ajuda alheia, fato que a desestabiliza. E diante disso nossa personagem diz:

Então eu poderia me entupir de barbitúricos que eu não ia conseguir dormir de qualquer forma. Não consigo parar de pensar no assunto [desemprego], me distraio, mas esse assunto está martelando na minha cabeça o tempo todo. Porque quando eu comecei a trabalhar na noite era justamente por isso, para não passar por situações assim.

Então o artesanato, essencial para que nossa personagem acorde do pesadelo em que se encontra, vai se afastando em meio a tantas burocracias e dificuldades. Ela diz que se sobrecarregou, quis fazer tudo ao mesmo tempo e muito rápido. Trabalhava dia e noite, não parava quase nunca. E nesse ritmo frenético, algo precisaria intervir, mudar o ritmo. De certo modo, a síndrome do pânico trouxe esse novo ritmo, o qual ela se vê obrigada a seguir: um ritmo mais lento. E de outro modo, a arte de compor peças de artesanato, traz também a possibilidade de experimentação de um ritmo diferente, mas que não seja pior por ser diferente.

É isso que nossa personagem sente quando tudo lhe é tirado, ela sente muito. Com poucas possibilidades para se apoiar, seu corpo despenca num sono induzido e ela dorme por horas a fio. Ela hiberna em seu quarto, como os ursos na chegada do inverno. Poupam a energia, diminuem o metabolismo, e esperam a chegada da primavera, do sol, das flores. Esperam um aquecer, algo que os tirem da caverna. Nossa personagem está saturada e estática. Uma volta em torno de si mesma precisa ser dada, assim como o planeta Terra faz, para que uma nova primavera se mostre. E mesmo que num giro que a



leve no mesmo lugar, sua aposta precisa ser na passagem das horas, na passagem do tempo que trará outras possibilidades quando uma nova primavera chegar.

### **5.3 CENA II: SOBRE ANJOS E MENINAS!**

Ela acreditava em anjos e, porque acreditava, eles existiam<sup>36</sup>. A nossa segunda personagem acreditava em cegonhas. Acreditava numa vida bela e sem tormentas. Mas tudo isso não existia. Nossa personagem nasceu da dor. Na dor do parto espontâneo, na dor de viver. Aprendeu logo no nascimento que o verbo sofrer é infinito. Ela diz: “Eu acho que eu comecei a sofrer no dia do meu nascimento.”

Mulher inocente. Criou para si um mundo de fantasias, talvez para lidar com sua realidade. Ela trocou o amor por uma necessidade. Trocou o amor para sobreviver. A vida urgia em aumentar cada vez mais a tensão. Decidiu casar sem amor para sentir menos a dor de viver ao acaso. Órfã muito cedo, nossa personagem fez da vida sua principal vilã. Não perdoou a vida algoz, e se ressentiu. Transformou a vida num fardo a ser carregado. E era. Só não sabia como se desfazer dele.

Nossa personagem que não aprendeu a ler e a escrever, sabe falar de si. Fala do que sente e pensa. Fala num tom lento, como se recitasse uma poesia, como se narrasse uma história. Ela narra sua própria história de vida, ou sua própria história de sofrimento?

Num encadeamento de fatos produtores de grande sofrimento, nossa personagem fala da sequência de fatos ruins que lhe aconteceram, como uma corrente que se formou. Os elos, ou cada fase de sofrimento, transformaram essa corrente da vida em amargura e mágoa. Um pai que falece antes do seu nascimento, uma mãe que maltrata, que deixa passar fome, que a abandona na rua, um casamento sem amor. Nessa lógica atribuída à vida (de

---

<sup>36</sup> Trecho extraído do livro ‘A hora da estrela’ de Clarice Lispector, 1999.

ressentimento), o elo de sofrimento mais recente é a dependência química do filho. Aprisionada à própria corrente, nenhum fato consegue escapar do ressentimento que sua vida tomou. Nem nossa personagem.

Seu filho é viciado em crack. Um dos fatos que a deixou deprimida, tamanha as situações de risco a que ele se submete. Perdido na madrugada, ela vai atrás dele pelas ruas da cidade - escura e perigosa. Nossa personagem também se sente perdida. Para lidar com fatos disruptivos e produtores de adoecimento, ela recebeu prescrição de medicamentos psicofarmacológicos. Antidepressivos e ansiolíticos. Se por um lado seu filho precisou de drogas para viver, ela também passou a precisar dessas outras drogas, para sofrer menos. “Eu já falei para o doutor que a fluoxetina já nem vale mais nada. Com ou sem ela eu fico deprimida”.

Impermeável ao efeito do medicamento, seu corpo parece relutar contra os sofrimentos. Cansada de sentir, nossa personagem vai aumentando a dose de diazepam em seu corpo, religiosamente, duas vezes por dia: ao acordar e ao dormir. O efeito se prolonga ao longo das horas, seja em vigília, seja ao adormecer. Não se sabe ao certo, mas a vida lhe parece pesada demais. E seu corpo, em permanente estado de apatia, não tem forças para lutar. Ou talvez seja esse o modo encontrado para lidar com o sofrimento.

Atualmente o filho de nossa personagem é, segundo ela, sua principal fonte de sofrimento. A condição para que ela fique em paz é a interrupção do uso de drogas. Saberiam eles que ambos estão utilizando uma mesma estratégia para lidar com a vida e suas atribulações? Escolheram o uso de drogas para lidar com a dor. O que os diferenciam? A moralidade é um dos dispositivos distinguíveis do uso de um medicamento e de uma droga ilegal. Mas seus corpos buscam saídas parecidas.

Eles usam drogas para sobreviver. Ele trabalha e usa do próprio dinheiro no final de cada mês para comprar sua droga. Nossa personagem diz: “A minha vida é desse jeito. E todo mês eu sofro um pouco, toda vez que [ele] tem dinheiro”. Ele foi convidado inúmeras vezes a fazer um tratamento para

dependentes de crack. Ele chegou a tentar, e em meio a tentativa, tomava rivotril para superar a abstinência. Trocada a substância química que agia em seu corpo, o filho da nossa personagem desistiu, preferiu o crack e poder circular por entre as ruas escuras e os perigos da cidade, que se confundem com a liberdade.

Cansada das noites mal dormidas, do risco de vida e da violência a qual seu filho está exposto, nossa personagem se entristece e diz:

Eu nunca fui feliz, eu nunca fui feliz, estou sempre triste, sempre deprimida, sempre chorando. Choro muito. O medicamento não está fazendo mais efeito. Eu falei para o doutor [...] que eu estou tomando rivotril duas vezes por dia e mesmo assim eu não estou tendo sono para dormir de noite.

Alguns medicamentos, diz nossa personagem, são fortes e dão muita fome. Mas nenhum deles tira a tristeza. Talvez porque para ela tudo seja, de antemão, triste.

Outro fato que ela nos conta é sobre a tristeza com relação a um dos seus irmãos. Ele morava junto a ela em sua casa e por várias razões seu irmão precisou ir embora. A separação dos dois também a deprimiu. Seu apego ao irmão se deve a uma promessa feita à mãe de que cuidaria dele. Não estando com ele, nossa personagem acrescenta em sua lista mais uma tristeza imbuída de culpa.

A vida a maltrata, diz nossa personagem. A vida e todos ao seu redor. Ninguém consegue escapar deste papel ao qual ela lhes atribuiu. “Eu sou muito maltratada pelo meu marido, pelos meus filhos. Todo mundo me maltrata, todo mundo, até na igreja, mas eu não me incomodo não”. Talvez porque, mesmo com o passar dos anos, ela ainda parece uma menina. Inocente, acredita em felicidade, príncipe encantado, casamento feliz. Parece não ter aprendido que felicidade é construção, é o olhar positivo sobre aquilo que nos acontece. Uma vida alegre não é uma vida onde acontecem somente coisas boas, mas uma vida que transforma os acontecimentos em energia para continuar vivendo, sem se ressentir.

Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixezas e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se do próprio veneno de maldade – eles rasgam as mais antigas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo. “Eu sofro: disso alguém deve ser culpado.” (NIETZSCHE, 2009, p. 109)

Ao tornar o sofrimento em uma meta para sua vida, nossa personagem parece não abrir espaço para situações que produzam alegria. Ela diz: “eu só sei que eu nasci para sofrer, eu acho que a única pessoa que gosta de mim é Deus. Ninguém mais gosta”. Frequentadora de uma igreja, nossa personagem faz suas apostas na religião como uma forma de sentir-se melhor. Entregando suas expectativas de mudança a Deus, ela parece diminuir sua vontade de mudança. Sua crença em Deus, que pode ser um modo saudável de lidar com o sofrimento, também se confunde com uma esperança de que tudo se resolva por si só. Ela diz:

Eu não fui a igreja pelo amor, eu fui pela dor. Eu fui porque o único jeito agora é Deus, porque mais nada eu posso fazer. Eu tenho muito medo e queria que Deus salvasse meu filho.

Ao acreditar que Deus poderia libertar seu filho das drogas, as possibilidades de ação para resolver seus impasses são diminuídas. A depressão que atinge nossa personagem vai se expandindo na medida em que ela vai desistindo de agir na própria vida. Ao por alhures a resolução dos problemas que a envolve, nossa personagem perde sua força e se frustra cada vez mais.

Residente de um bairro violento, nossa personagem deseja mudar de casa, ir para longe, conforme ela diz. Venda de drogas e tiroteios são frequentes ali. Mas para mudar-se para outra casa ela depende do marido, e ele não deseja o mesmo. Nossa personagem diz que se sente feliz quando consegue sair um pouco de casa, pois sua casa tornou-se uma casa triste.

Parece que quando não estou aqui eu fico mais feliz um pouco, só por não estar aqui. Às vezes eu vou na rua um pouco e me

sinto melhor. Quando eu fico aqui parece que a tristeza chega junto.

Mas sua casa é o lugar que ela possui. Sua casa é o lugar onde ela passa maior parte do tempo. Sem o emprego, ela passa dias a fio ali dentro. A casa triste fica em silêncio, e nossa personagem também. Como lidar com esse dilema, entre não conseguir sair de casa e escolher um modo mais alegre para lidar com a vida?

A minha casa é uma casa triste porque é cada um no seu canto. Ninguém conversa com ninguém. Quando meu filho está em casa ele se enfia no quarto. O meu marido, quando não está na sala vendo TV, ele está no quarto dele e eu no meu quarto. Então ninguém conversa com ninguém.

Com poucos sons e poucas vozes, escuta-se apenas um latido freqüente e ininterrupto. O cachorro, preso a uma árvore no quintal, parece denunciar o grande silêncio que a casa ganhou. Três pessoas habitam essa casa, mas pouco se pode falar. Mais do que quebrar o silêncio, o cachorro parece querer minimizar a tristeza que ali habita. Preso a uma árvore, o cachorro late. Para escapar?

A nossa vida é assim, é mais com a boca fechada. Ninguém conversa com ninguém. Nós não temos diálogo. Pra você ter uma idéia, a gente não pode nem mastigar. Não pode emitir nenhum barulho. Tem esse cachorro aí que faz barulho. Nós somos uma família que não é muito unida.

Diante de tudo isso, nossa personagem diz que sua vida foi sem amor e sem alegria. A pobreza esteve presente durante todos esses anos. Sua primeira filha morreu de fome, fato marcante e que permanece vivo em sua memória e em seu coração. Impossibilitada de esquecer tudo que a faz sofrer, nossa personagem toma medicamentos ansiolíticos que a ajudam a suportar o peso que sua vida tem. Seu território se faz mínimo e se restringe a casa e ao quarto. Aprisionada a essa minúscula área geográfica, nossa personagem torna-se vítima de si mesma e do mundo.

Entre latidos e silêncios, a história da nossa personagem vai ganhando mais do que imagens, mas também sons. O som do latido que ecoa pelos cantos da casa, e fica fixado no gravador de voz, mostra um movimento que tenta romper com o imenso silêncio e com a dificuldade que nossa personagem tem de vislumbrar uma vida mais alegre e mais audível.

**SEM MAIS PALAVRAS!**





---

<sup>37</sup> Imagens extraídas do filme: Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual, 2011.



## 6. “EU PREFERIRIA NÃO”: RECUSAS, FILTROS E FRAGMENTOS DE UMA CONVERSA QUE NÃO TERMINA AQUI...

As trilhas percorridas por esta pesquisa nos levaram a caminhos variados entre as durezas e as levezas comuns a todo caminhar. Visualizamos paisagens distintas com a finalidade de compor uma cartografia sobre os aspectos relativos ao uso de ansiolíticos no contemporâneo, e, mais do que isso, às novas intensidades que os corpos têm experimentado, tamanha a velocidade e frequência a que somos lançados para reconfigurar nossos hábitos de vida e nossos desejos.

Na tentativa de produzir novidades - em um espaço de tempo cada vez mais curto<sup>38</sup> - vemos nascer uma época onde o ‘novo’ tornou-se um verdadeiro clichê e a criatividade uma mercadoria capitalística. (GUATARRI, 1992; GUATARRI e ROLNIK, 2010; MACHADO, 1999; PELBART, 2011).

Com ritmos cada vez mais velozes, surge, por um lado, um crescimento cada vez maior de ofertas, através de propagandas, informações e imagens, as quais exigem uma ampliação do campo sensorial, devido a constante necessidade de estar atento ao que circula no mercado capitalista. Por outro lado, surgem também tecnologias que visam a minimização das sensações corpóreas, para conseguirmos dar conta de um estilo de vida que não cansa de produzir esse turbilhão de estímulos.

Modos de vida produtores da sensação de não pertencimento se não aderirmos aos novos mecanismos mercadológicos e midiáticos. Vivemos em um contexto que requer de nós o endurecimento do corpo para enfrentarmos os frequentes movimentos da vida moderna e as constantes reconfigurações territoriais às quais somos lançados.

---

<sup>38</sup> Não nos aprofundaremos sobre aspectos referentes à política do tempo na contemporaneidade - a cronopolítica. Para maior compreensão é sugerido o livro “A nau do tempo-rei” de Peter Pál Pelbart em suas ressonâncias com o autor Paul Virilo.

Sendo assim, escolhemos retornar ao filme *Medianeras* para traçar as últimas linhas dessa pesquisa. Retornaremos para que essa conversa não demarque um fim, mas o recomeço de outras discussões. Recorreremos ao filme para evitar os excessos de novidades e produzir diferença na repetição. Falaremos de uma imagem de *Medianeras*. Uma imagem disparadora de conversas infinitas, das quais escolheremos uma:



39

Frágeis plantas surgem em meio ao concreto dos edifícios. Galhos que se ramificam sobre a dureza dos prédios espalhados pela imensa massa que configura a cidade. Brotam por entre as fendas e rachaduras. Resistem<sup>40</sup> à constante e diária construção de novos edifícios. Surgem delicadamente, e assim precisa ser. A vida comporta tudo isso. Duas forças aparentemente opostas se confundem na composição de um paradoxo. Na verdade, uma mesma força desdobrada em duas vertentes. O poder avassalador de paredes que parecem tocar o céu, e a fragilidade de pequenos ramos que resistem a tanta dureza e surgem inesperadamente, dando vida e cor à cidade.

---

<sup>39</sup> Imagem extraída do filme: *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, 2011.

<sup>40</sup> Utilizamos o termo 'resistência' com base nas leituras de Michel Foucault. Compreendemos a resistência como um movimento inerente à vida e seu perseverar. Isto é, a todo movimento de cristalização de práticas, surge ao mesmo tempo, movimentos contrários que visam o desmanche das formas instituídas.

Brotam no cimento, crescem onde não deveriam. Com paciência e vontade exemplares, erguem-se com dignidade. Sem estirpe, selvagens, inclassificáveis para a Botânica. Uma estranha beleza cambaleante, absurda, que enfeita os cantos mais cinzentos. Elas não têm nada, e nada as detém. Uma metáfora de vida irrefreável que, paradoxalmente, me faz ver minha fraqueza<sup>41</sup>.

A delicadeza dos galhos verdes não os torna frágeis. A força que resiste é, necessariamente, a da delicadeza. Há que ser frágil para adentrar as rachaduras do concreto e crescer. A fragilidade permite flexibilidade, e, portanto, força para resistir. É preciso uma força frágil para atravessar a dureza do concreto. Entendemos que fragilidade não é um campo contrário ao da força, mas faces distintas de um mesmo campo. Estamos falando, portanto, de uma força não relacionada à dureza, mas à potência que somente um corpo flexível poderia possuir.

Em *Um artista da fome*, Kafka nos apresenta o jejuador. Personagem que passa dias e dias em jejum dentro de uma jaula, despertando a curiosidade e espanto dos transeuntes. Indignados com tamanho acontecimento, o público duvida que o jejuador esteja há tanto tempo sem se alimentar. Não compreendem sua força para resistir à fome. Para o jejuador, muito maior que a fome é o incômodo sentido ao se deparar com tal incredulidade sobre sua escolha de não precisar se alimentar conforme todo mundo. Um corpo magro e ao mesmo tempo potente. Um corpo frágil que condensa uma força inacreditável. Sua magreza não o torna frágil, pois o jejuador parece ter descoberto a ética para com sua vida. Ele situa sua força através da negação, através da potência de dizer não àquilo que decompõe sua força vital.

O conto de Kafka nos faz pensar em aspectos já discutidos sobre os movimentos do desejo em tempos de ansiolíticos. Empanturramo-nos com as ofertas mercadológicas ao dizermos ‘sim’ a tudo: moda, dietas, alimentos, tecnologias da informática, noticiários, etc. Consumimos cada vez mais, ao mesmo tempo em que não temos tido tempo para digerir tantas tralhas. No

---

<sup>41</sup> Trecho extraído do filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual* (2011).

caso do artista da fome, ele nega os excessos filtrando os encontros. Ele leva às últimas conseqüências a ética para com a existência.

Teríamos também algo a aprender com Barteby, personagem de Herman Melville. Ele trabalha como escriturário, e, em dado momento, responde a tudo que lhe pedem com um 'eu preferiria não'. Em sua resposta aos pedidos de trabalho, ele vai se recusando a tudo, mesmo que às vezes faça. Ao afirmar "preferiria não fazer", Bartleby nos convoca a essa discussão que recai no campo da ética da existência, uma ética da seletividade àquilo que podemos ou não aceitar fazer. Dizer 'eu preferiria não' significa muito mais que negar as exigências do mundo, porém afirmar uma política de recusa à servidão, uma recusa a fixar-se nas exigências de modos de vida que demandam cada vez mais atividade. Ética spinozana que nos convida a experimentar e forjar encontros potencializadores em nossas vidas, permitindo-nos agir e produzir modos mais sutis e menos turbulentos de viver. Ao empanturrarmo-nos de tudo que nos é apresentado, esquecemos de criar um filtro para selecionar os encontros com o que nos fortalece. Artistas da fome, artistas da própria vida.

Muita agitação impede a processualidade das misturas, a criação de sentidos para o que foi visto ou para o que será dito. Temos pressa de 'sentir' tudo ao mesmo tempo agora. Uma agitação que provoca incessantes mudanças, mas não faz essa instabilidade estremecer as certezas, as verdades. Ao contrário, parece nos colocar mais em um lugar de surdez, de cegueira, de mudez frente aos acontecimentos. Tornamo-nos prisioneiros de supostas novidades e nos esquecemos de forjar composições. (DOMINGUES, 2010, p. 18).

Barthes (2003), assim como os autores aqui citados, também nos convida a produzir outra relação com a vida. Criar movimentos que não nos conduza apenas ao desespero de uma vida ritmada por valores capitalistas. Uma desenfreada velocidade que nos leva sempre ao mesmo lugar: a saturação. A vida em sociedade, ou, sobre 'como viver junto', é o convite que Barthes (2003) nos faz à criação daquilo que ele chamou de "Idiorritmia" (ídiós = próprio, *rhythmós* = ritmo, no sentido de movimento fluido e não de forma fixa), criar o próprio ritmo, mesmo numa vida em comum, em comunidade.

Idiorrítimo, quase um pleonasmo, pois o *rhythmós* é, por definição, individual: interstício, fugitividade do código, do modo como o sujeito se insere no código social (ou natural). (BARTHES, 2003, p. 16).

Em tempos contemporâneos, onde a política da velocidade tem nos levado cada vez mais a exaustão, vemos nascer a necessidade de produzir outros ritmos. Viver-junto enquanto uma ética da alteridade e não um achatamento das diferenças, nos forçando a seguir pelos *mesmos* caminhos, ao *mesmo* tempo, na *mesma* velocidade.

De que afetos somos capazes ou, o que pode o nosso corpo? Spinoza (2010) nos convida a fazer experimentações. Através da experimentação descobriremos o que nos fortalece ou não. A experiência nos ensina a criar filtros nos encontros com os diferentes corpos. Só assim podemos selecionar aquilo que compõe com nossa vida, nos alegrando, tornando-nos sujeitos de ações e não de padecimento do próprio viver. Uma vida que não cansa de reconstruir-se a si mesma, e faz do tempo (e da passagem das horas) um aliado, que produz e carrega consigo a potência do novo, do acontecimento. A infinita possibilidade de romper práticas firmemente endurecidas, abrindo brechas para fissuras e resistências.

Com o passar do tempo, vemo-nos convidados a transformar os fatos que nos fizeram sofrer em um passado que não se ergue mais como uma sombra sobre nós. Ativar o esquecimento, em contraponto à memória, como nos fala Nietzsche (2009), e fazer dela nossa aliada. Deixar esquecer o sofrimento passado quando ele insiste em revirar-se por dentro, numa eterna ruminação. Lembranças não digeridas que envenenam o corpo e o tempo presente.

Alimentar-se do sofrer, ruminá-lo sem digerir. Engordar-se de ressentimento e paixões tristes. Como dizer não àquilo que diminui nossa potência de vida? Experimentar uma fragilidade forte, uma fraqueza que dá ao corpo a flexibilidade, a maleabilidade de lidar criativamente com os encontros que nos fazem sofrer. Criar rotas de fuga.

Sobre o empanturrar-se de ressentimentos, não nos referimos às paranóias do mundo moderno no que tange o desespero de um corpo esteticamente em forma. Isso porque a lógica atribuída à boa forma e à saúde do corpo, também se apresenta como mais um modo de empanturrar-se de lixos alimentares produtores de corpos curvilíneos. Está em voga na atualidade uma política da estética a qual nos aprisionam a um estilo de vida produtor de corpos-clichês. Corpos idênticos, carentes de uma liberdade de escolha. São as subjetividades prêt-à-porter, da qual nos fala Rolnik (1997), subjetividades produzidas em massa, não diferenciadas, as quais também produzem a sensação de estar na moda e de possuir uma “personalidade exclusiva”.

A liberdade spinozana se refere mais à composição de afetos, à conjugação de encontros que possibilitam uma saúde balizada pela ética da alteridade e da seletividade em encontros que tornam a vida mais suave. Prisioneiros da lógica ‘mais do mesmo’, nos perdemos em meio aos modos de produção de subjetividade em massa crenças na individualidade. A cópia fiel pode revelar-se em sua autenticidade, na afirmação de sua diferença.

Tudo isso tem a ver com a potência-do-não, potência da qual falamos ao nos referirmos aos personagens de Kafka e Melville. A potência de negar modos clichês de viver, que bane a criatividade, a produção da diferença. Dizer “preferiria não fazê-lo” é produzir desvio às saturações. Instauremos uma conversa, que ao se repetir, repita na diferença,

## 7. REFERÊNCIAS:

ALMODÓVAR, P. **A pele que habito**. Espanha. Direção: Pedro Almodóvar. Fotografia: Jose Luis Alcaine. Paris Filmes: 2011. 1 DVD (133 min.).

ANDRADE, A. N. **Atenção psicológica e agoridade**. Disponível em: [http://www.lefeusp.net/arquivos\\_diversos/VIII\\_simposio\\_anpepp/textos%20pesquisadores/andrade08.pdf](http://www.lefeusp.net/arquivos_diversos/VIII_simposio_anpepp/textos%20pesquisadores/andrade08.pdf). 2010. Acesso em: 12 de setembro de 2011.

ANGELL, M. A epidemia da doença mental. **Revista Piauí**. 2011, p. 23-38.

ARAGON, L. E. P. **O impensável na clínica: virtualidade nos encontros clínicos**. Porto Alegre: Sulina – Editora da UFRGS, 2007.

BARONI, D. P. M. et al. Diagnóstico como nome próprio. **Psicologia & Sociedade**, 22 (1), p. 70-77, 2010.

BARROS, R. B; PASSOS, E. **Diário de bordo de uma viagem-intervenção**. In: Pistas do Método da Cartografia. PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Porto Alegre: Sulinas, 2010.

BARTHES, R. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOCK, A. M. B. **Aventuras do barão de Munchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC: Cortez Editora, 1999.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2 ed. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 7. ed. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CAPONI, S. Biopolítica e medicalização dos anormais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 (2), p. 529-549, 2009.

CARDOSO, L. **A luz no subsolo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, L. B. **O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida**. In: FONSECA, T. M. G. e COSTA, L. B. (Orgs.). Vidas do fora: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 47-69.

DANTAS, J. B. Publicidade e Medicamentos: um mundo de imagens e promessas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, já./jun. 2010, 14 (1), p. 131-138.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espinosa: filosofia prática.** Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: **Michel Foucault philosophe: rencontre internationale.** Paris: Seuil. 1989.

\_\_\_\_\_. GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suley Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. PARNET, C. **Diálogos.** Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água, 2004.

DOMINGUES, L. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina – Editora da UFRGS, 2010.

EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi: dépression et société.** Paris: Odile Jacob, 1998.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: MACHADO, R. (Org.) e Trad. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.79-98.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 15. ed. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica.** Tradução de Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GORESTEIN, C; ANDRADE, L. H. S. G. As três tsunamis da psiquiatria: mau uso, abuso e não-uso. **Rev. Psiq. Clín.** 32 (4), 2005, p. 237-239.

GUARIDO, R. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 33, n.1, p. 151-161, jan./abr. 2007.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed.34, 1992.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo.** ed 10. Pretópolis, RJ: Vozes, 2010.



IÑESTA, A; OTEO, L. A. La industria farmacéutica y la sustentabilidad de los sistemas de salud em países desarrollados y América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**. v 16. n. 06. Rio de Janeiro. junho, 2011.

IGNÁCIO, V. T. G; NARDI, H. C. A medicalização como estratégia biopolítica: um estudo sobre o consumo de psicofármacos no contexto de um pequeno município do Rio Grande do Sul. **Psicologia & Sociedade**, 19 (3), p. 88-95, 2007.

JENKINS, J. H. The Anthropology of psychopharmacology: commentary on contributions to the analysis of pharmaceutical self and imaginary. **Cult Med Psychiatry**. v. 36, 2012, p. 78-79.

LAPOUJADE, D. O corpo que não agüenta mais. In: Lins, D & Gadelha, S. (org.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo?** (p. 81-90). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LAVRADOR, M.C.C. **Loucura e vida na contemporaneidade**. Tese de Doutorado. PPGP/UFES, 2006.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Bocco, 1999.

MACHADO, L. D. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, M. E. B. de (org.). **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999, p. 211-229.

MATOS, E.G; MATOS, T. M. G; MATOS, G. M. G. A importância e as limitações do uso do DSM-IV na prática clínica. **Rev. Psiquiatr RS** set/dez 2005; 27 (3), p. 312-318.

MARTINS, A. L. B. Biopsiquiatria e bioidentidade: política da subjetividade contemporânea. **Psicologia & Sociedade**. n 20. v 3. p. 331-339. 2008.

MELO, S. **O Palhaço**. Brasil. Direção: Selton Melo. Bananeiras filmes, Mondo Canes filmes e Imagem filmes: 2011. 1 DVD (90 min.) NTSC colorido.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 15. ed. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NINNERMANN, M. K. Variability in the efficacy of psychopharmaceuticals: contributions from pharmacogenomics, ethnopsypharmacology, and psychological and psychiatric anthropologies. **Cul Med Psychiatry**. v. 36, 2012, p. 10-25.

ONU. International Narcotics Control Board. **Psychotropic substances: statistics for 2006: assessments of annual medical and scientific**

**requirement.** 2008. Disponível em: [http://www.incb.org/pdf/technical-reports/psychotropics/2008/psy\\_2008.pdf](http://www.incb.org/pdf/technical-reports/psychotropics/2008/psy_2008.pdf)>. Acesso em: 04 de setembro de 2011.

ORLANDI, P; NOTO, A. R. Uso indevido de benzodiazepínicos: um estudo com informantes-chave no município de São Paulo. **Rev Latino-am de Enfermagem**, 2005, set./out. 13 (número especial), p. 896-902.

ORTEGA, F. Elementos para uma história da neuroascese. **História, Ciência, Saúde**. Rio de Janeiro. v. 16, n. 3, jul/set. 2009, p. 621-640.

\_\_\_\_\_. **O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX**. Rio de Janeiro. v. 13 (suplemento), outubro, 2006, p. 89-107.

PELEGRINI, M. R. F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2003. 21 (3), p. 38-43

PELBART, P. P. **A Nau do Tempo-Rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. 2008. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf> . Acesso em: 04 de julho de 2011.

RAUTER, C.; PEIXOTO, P. T. C.; Psiquiatria, saúde mental e biopoder: vida, controle e modulação no contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n.2, p. 267-275, abr./jun. 2009.

REIS, E. S. Múltiplos Eus. In: **Pontos de Fuga: visão, tato e outros pedaços**. (vários autores). Rio de Janeiro: Editora Taurus e Associação Pró-Universidade Livre do Rio de Janeiro, 1996.

RODRIGUES, J. T. A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 8, n.1, p. 13-22, jan/jun. 2003.

ROLNIK, S. **Inconsciente Antropofágico**. Texto apresentado em colóquio Encontro Internacional Gilles Deleuze (RJ-SP, 10 a 14 de junho de 1996) disponível online em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização**. Reelaboração de artigo publicado no caderno "Mais!" da *Folha de São Paulo*. São Paulo: Maio de 1996. Disponível online: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>.

\_\_\_\_\_. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D. (org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. São Paulo: Papyrus, 1997. p. 25-34.

\_\_\_\_\_. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T.M.G. e ENGELMAN, S. (orgs). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Sulina – Editora da UFRGS, 2011.

ROZEMBERG, B. O consumo de calmantes e o ‘problema dos nervos’ entre lavradores. **Rev Saúde Pública**, 28 (4): 300-8, 1994.

SCHLOSSER, V. A.; NINNERMANN, K. Introduction to the special section: the anthropology of psychopharmaceuticals: cultural and pharmacological efficacies in context. **Cult Med Psychiatry**. v. 36, 2012, p. 2-9.

SCHLOSSER, V.A.; HOFFER, L.D. The psychotropic self;imaginary: subjectivity and psychopharmaceutical use among heroin users with co-occurring mental illness. **Cult Med Psychiatry**. v.36, 2012, p. 26-50.

SILVA, J. A. História dos benzodiazepínicos. In: Bernik, M. A. **Benzodiazepínicos, quatro décadas de experiência**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 15-28.

SPINOZA, B. **Ética**. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARETTO, G. **Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual**. Argentina, Alemanha e Espanha. Direção: Gustavo Taretto. Direção de fotografia: Leandro Martínéz. Imovision, 2010 [produção]. Rizoma Films. 1 DVD (95 min) Título Original: Medianeras.